

AUTORES & LIVROS

SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHÃ"
1/9/941 publicado semanalmente, sob a orientação de
Mucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Num. 4

INGLEZ DE SOUZA

Um dos itens do plano outro grande espírito, do que para si mesmo traçou no de um talento real e dezena de artigos de es-
Autores e Livros consis- rutilo, e que entretanto critores contemporâneos te em trazer à tona os não realizou a obra que de Inglez de Sousa e de valores autênticos das seria lícito esperar de escritores da hora atual, nossas letras, que este- suas esplêndidas faculda- jam sepultados no esque- des intelectuais — Alcin- cimento, ou apenas na in- do Guanabara. Desdem suas análises mais ou diferença do público. da glória, realmente ? menos minuciosas .

Nosso número anterior Ocupações muito absor- evocava Eduardo Prado, ventes de jurista e adv- e mostrava, através da gada ? Fosse qual fosse o palavrão dos contemporâ- motivo — o fato é este: é neos do autor da *Ilusão* que Inglez de Sousa post- *Americana*, e bem assim suiu faculdades literá- através do juízo de al- rias bem mais poderosas guns críticos atuais, o do que aquelas que nos muito que nos deve me- mostram suas obras. Ele recer a todos aquele es- mesmo estava perfeita- critor paulista, hoje im- mente advertido disso. E teiramente esquecido.

a prova é a confidência

O número atual de que mandou a Paulo Bar- *Autores e Livros* é, em reto, por ocasião de res- parte, consagrado a In- ponder ao inquérito do guez de Sousa, cuja mor- *Momento Literário*, con- te ocorreu no dia 6 de se- fidencia em que fazia a tembro de 1918. Ai está crítica do mais importan- outro esquecido das le- te dos seus livros, o *Mis- tras brasileiras. E' curio- sionário*, e acentuava que so verificar como, em havia ali muito mais pa- nossos compêndios de lavras do que deveria ha- história literária mais ver, e mostrava que o ro- dignos de consulta, é mance precisaria de ser omitido o nome desse es- amputado em cem pá- critor. Sirva de exemplo nas...

a Pequena História da Esse trabalho de de- Literatura Brasileira, de puramente e requinte de Ronald de Carvalho, que arte ele nunca teve tem- é um dos livros, no gê- po de o fazer.

nero, mais importantes Sua posição, na litera- que possuímos Na sua tura brasileira, está po- primeira edição. Ronald rem assegurada. Ele re- tinha uma referência a presenta uma das pri- *Inglez de Souza: a sim- meiras realizações do ro- pleza citação do nome de- mance naturalista nacio- nal, entre os nomes dos nais e parece ser precisa- vários escritores da época. Nas edições posterio- mente o escritor que pri- res, até essa mesma refe- campo aberto à ficção que rência desapareceu. havia na região amazo-*

Talvez o próprio In- nense. guez de Souza tenha sido Ha, pois, em Inglez de culpado disso. Ele pos- Souza, virtudes de abri- sua, sem dúvida, um be- dor de caminhos. Ele foi lo talento, mas parece ter o mestre, o guia de mu- descrito singularmente os dois autores que, na da conveniência de reali- sua geração e na geração zar a sério uma obra li- que seguiu à sua, se afir- terária. Humberto de maram como valores in- Campos, num artigo que contestáveis da nossa li- sobre ele escreveu, e que literatura. Só por esse tí- nimo, diz que Inglez de evocassemos a figura in- Sousa a acabaria desde- teressantíssima. rhando a glória literária. E' o que hoje faz Auto- irmão, nesse ponto, de res e Livros, reunindo na

sua primeira parte, uma das artigos de es- *Autores e Livros* consis- rutilo, e que entretanto critores contemporâneos te em trazer à tona os não realizou a obra que de Inglez de Sousa e de valores autênticos das seria lícito esperar de escritores da hora atual, nossas letras, que este- suas esplêndidas faculda- jam sepultados no esque- des intelectuais — Alcin- cimento, ou apenas na in- do Guanabara. Desdem suas análises mais ou diferença do público. da glória, realmente ? menos minuciosas .

A personalidade de Inglez de Souza

Xavier Marques



HERCULANO Marcos Inglez de Souza, escritor e romancista, abriu outras e diferentes vias à atividade sobrada do seu espírito. Sua personalidade é um diamante de muitas faces. Nela se desdobram, em invejável harmonia, os três aspectos que lhe possibilitaram o viver integralmente para as necessidades da sua época: as faculdades racionalas do culto da ciência, as energias efetivas do homem de ação e a potência imaginativa do homem de lettras. O campo de fenômenos que lhe forneceu o objeto do conhecimento científico, o das ciências morais e sociais, particularmente do direito, propiciou-lhe a cultura simultânea da imaginação literária. Despontaram ao mesmo tempo o jurista e o novelista, enquanto pela virtude de um caráter simpático às soluções vitoriosas de prática, ele confirmava o apostegma do filósofo italiano: a vida não se encerra toda ela na Academia para os literatos, no Fórum para os advogados.

Era filho do desembargador Marcos Antônio Rodrigues de Souza e d. Henrique Amália Góes Brito Inglez, ambos de linhagem conspicua pela representação intelectual e social. Nasceu em 28 de dezembro de 1853, na antiga província do Pará, partiu com 11 anos de idade para o Maranhão, onde esteve internado em uma casa de ensino secundário. Passou ao Rio e do Rio a Pernambuco, em cuja Faculdade de Direito se matriculou e estudou até o quarto ano. O último cursou-o na Faculdade de São Paulo, ai recebendo o grau de bacharel em 1876. Tinha então vinte e três anos de idade. Suas aptidões já experimentadas durante o curso, nos debates pela imprensa e nos comícios políticos, rasgavam-lhe esplêndidos horizontes. O labor prático arrebatou-o desde logo, mas sem lhe esgarçar na alma as fontes do idealismo por qualquer especialização demasiado absortiva. A sua vida, aliás, vai ser até o fim a demonstração de um raro paralelismo: a conjuncão do estudo e do trabalho, das idéias e das aplicações: uma razão lúcida para conceber e um pulso viril para realizar. Coube-lhe, com efeito, em correspondência com todos os seus prin-

(Continua na página 58)

SUMÁRIO

PÁGINA 49:

- Inglez de Souza
- A personalidade de Inglez de Souza, por Xavier Marques
- Sumário.

PÁGINA 58:

- Dois poemas do mar, poemas de Vinícius Moraes, com ilustração de Santa Rosa.

— A personalidade de Inglez de Souza (continuação da página 49).

PÁGINA 59:

- O gado do Valha-me-Bens, conto de Inglez de Souza
- Uma página de Inglez de Souza sobre o selvagem brasileiro.

PÁGINA 59:

- Variações sobre um millo, de Onofre de Pennafort
- Duas páginas de Aracipe Júnior, sobre Inglez de Souza (continuação da página 55).

PÁGINA 61:

- Depoimentos sobre Inglez de Souza:
- Depoimento de João do Rio
- Depoimento de Humberto de Campos
- A vida de Inglez de Souza, por Paulo Inglez de Souza

PÁGINA 60:

- Variações sobre um millo, de Onofre de Pennafort
- Correspondência do escritor. Carta de Inglez de Souza a Afonso Celso

PÁGINA 62:

- Outros depoimentos sobre Inglez de Souza:
- Um romance de vida amazônica, por José Verissimo
- Inglez de Souza e os naturalistas, por José Lins do Rego

PÁGINA 61:

- Para a história da Academia: o cumprimento e a recomendação de Ramiz Galvão e Salvador Mendonça
- Variações sobre um millo (continuação da página anterior).
- Carlos de Laet

PÁGINA 63:

- A Sensama, por Oscar Lopes
- Um estudo de Olívio Monteiro sobre Inglez de Souza e o romancista de Missão.

PÁGINA 62:

- Páginas dos Autores Mortos: — Arthur Azevedo — Os nossos nomes. Proposta
- Pimenta de Laet — Retrato por Virgílio de Sá Pereira.
- Otávio Bilac — Quadras amapaenses

PÁGINA 64:

- Elogio de Inglez de Souza, por Virgílio de Sá Pereira.
- O que pensava Inglez de Souza sobre a condição do índio no Brasil

PÁGINA 63:

- A página do dia — A expectação na Medicina, de Antônio de Castro.
- Variações sobre um millo (continuação da página 60).

PÁGINA 65:

- Datas páginas de Aracipe Júnior, sobre Inglez de Souza: Os contos amazônicos. O Missionário.
- A vida é de cabeça baixa, de Álvaro Moreira.

PÁGINA 62:

- A página do dia — A expectação na Medicina, de Antônio de Castro.
- Variações sobre um millo (continuação da página 60).
- A matança de jacaré na Ilha de Manjö, de Amando Mendes

PÁGINA 64 :

- Chateaubriand e Alfredo de Mesquita
- Galeria de vultos notáveis: Antônio Ferro, Joaquim Nabuco, Xisto Rafa, Teixeira de Melo

PÁGINA 63 :

- Bibliografia de João Ribeiro
- João Ribeiro no Correio da Manhã

PÁGINA 65 :

- A vida dos livros. Salvador de Mendonça, de Mário Leão (da Academia Brasileira)
- Programa de Vida, poema da Afonso Schmidt, com Ilustração de Belmonte

PÁGINA 64 :

- Cinquentenário Literário de André Gide, de Roberto Alvim Corrêa.
- A personalidade de Inglez de Souza (continuação da página 58).
- Elementos da Academia.

Sim, para além da grande ser-
ta do Valha-me Deus, há muito
gado perdido nos campos que, te-
nho para mim, se estendem desde
o Rio Branco até as flores do
Amazonas. Já houve quem o vi-
ses nos campos que ficam perto
da margem esquerda do Trembe-
te, de que nos dava a primeira
notícia o padre Nicolau, causa
de que alguns ainda duvidam.
Mas eu entendo que a existir
tal gado, nessas paragens, são
reças fugidas das fazendas muni-
cipes do Rio Branco. O Rio Branco
tem outra idéia, e não é
nenhum maluquinho dos seus re-
stantes anos puxados até o dia de
S. Bartolomeu, que é isso a causa
de todos os meus pecados, ainda
que nunca saher destiinha roima.
Mas vai a história tão certa como
se ela passou, que nem contada
em letra de fofina, ou pregada
no palito, salvo seja, em dia de
sexta-feira maior. O Rio Domínio
España chegou à casa das
seteias sem que juntasse unha lhe
cravasse píntas brancas, e os den-
tinhos lhe caíram todos sem nunca
haverem mordido um carneiro.
Pois é, o digo com todo mérito de que
nunca nenhum se atrevia a chum-
parie o contrário na tua.

Vou fol, já lá vão bons qua-
renha anos ou talvez quarenta e
chico, que nisto de contingem-
do anos não sou nenhum sábio da
Grécia, tinha morrido de fresco
o defunto padre Geraldo, que
Deus haja na sua santa glória, e
estava na terra fol e dono da fazenda
Paraiso, em Pará, e possuía tam-
bém em campos de Jamari,
onde bem bons incunhados es-
tavam no tempo em que ainda ti-
nha mobilha na sola, ou salvo
dezo, dentes está boca que nunca
mordia, e que a terra iria ha-
derem.

Padre Geraldo fez-se seu tes-
tamento uma deixa da Fazenda
ao Amaro Paes, que levava toda
a vida de pagode em Pará, e aqui
em Olábris, e nunca pude contar
os milhares de cabecas que o
defunto padre havia criado no Pa-
raiso, e que passavam pelas más
gordas e pesadas de toda esta re-
dondura.

Não que o visse, não seiores,
eu não vi, mas todos davam o
assento com que o padre criava
aquele gado, que era mesmo a
menina dos seis olhos, a ponta
de passar quinze anos de sua vi-
da sem comer carne fresca, pur-
na ferida, de mandar sangrar
uma vez. Quando fui con-
tratado para a Fazenda, a de
funto havia dado a alma a Deus
por causa dumas frangas que
aparelhou embriado, e de que lhe
nascera um pé de feio, bem por
baixo das costelas alvitras, não
havendo lambedor, nem mechinha
que lhe valesse, por que, enfim, já
chegara a sua hora, a sua é que
é verdade.

Havia um ano que a fazenda
Paraiso estava, por assim dizer,
abundando, porque o Amaro
numerava a apreça, senão para se
divertir, atrairando o gado, como
quem atrai a onças e fazendo-se
valente na caçada dos pobres
bois, criaturas de Deus, que a
ninguem ofendem, porque, em-
fim, bõa lá duma pequena mar-
garia de vez em quando é para se
defenderem e experimentarem o
pôr do vaquinha, porque o bô
gentante é animalinho que embri-
ra com gente matrizes. As pro-
vas do Amaro Paes tinham feito
embriavecer o gado, que, por fim,
não era capaz de levar
para a malhada, e ainda menos de
meter no curral, o que era pena
para um galhão tão animado
pelo padre Geraldo, um verdadeiro
rebanho de carneiros pe-
la manedinha, que era mesmo do
seu humor, com um bochecho para
não dizer mais, e a alma do pa-
dre lá em cima havia de estar se-

O gado do Valha-me Deus

Conto de Inglez de Souza

mordendo de sangue, vendo as suas
regras postas naquele estado pelo
entremoto do herdeiro, que fazia
dores de coração.

Não pensem que eu agora digo
isto para me gabar, pois quem
pensar o contrário não tem mais
o que perguntar aos moleques
do meu tempo a razão porque me
deram o apelido de Domingos Es-
paulha, que era porque nenhuma
vaqueira da terra, do Rio Grand-
e, ou de Cayena me aguentava
no repouso da vaquejada; eu era
muito moleque ali, mas quando se
tratava alguma feria difícil, era
o Domingos Espaulha que se ia
buscar onde estivesse, porque
ninguém melhor do que ele eu-
teria as manhas do gatinho, e
seguirasse melhor na sola, sem
erros, nem esparsas, à moda da
minha terra, donde vim pequeno
mas já entendido nestes assuntos.

Pois para a festa de S. João,
que o Amaro Paes la passou na
vila queria ele uma vaca bem
corda para correr, e me incumbiu
a tarefa e no Chico Pitanga, de to-
marmos conta da Fazenda, ansi-
lhar o gado orlhudo, e remeter
a vacas a tempo de chegar descan-
sadas nas vespertas da festa, o que
me parecia a mim que era a tu-
rafe mais à tona de que me en-
carregaria até então, embora os
outros vaqueiros me dissessem que
havia de perder o meu latim com
o tal gatinho de uma figura.

O Chico Pitanga e eu entra-
mos na montaria, levando uns par-
es de cordas de couro feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Abracaramos ao porto do Paraiso
as seis horas da tarde, recolhemos-
nos à casa, por ser já tarde para
procurem o gado, e, entretanto,
avolumos muizir à pequena dis-
tância, e parecia estar encoberta
por um capuz de mato. Fizemos
a noite janta de picanha assada
e de farinha, que é a única que
nunca comemos.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Abraçamos ao porto do Paraiso
as seis horas da tarde, recolhemos-
nos à casa, por ser já tarde para
procurem o gado, e, entretanto,
avolumos muizir à pequena dis-
tância, e parecia estar encoberta
por um capuz de mato. Fizemos
a noite janta de picanha assada
e de farinha, que é a única que
nunca comemos.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

Na manhã seguinte, levando uns
pares de cordas de couro, feitas por
mim mesmo com cordeirinhos de
ferro, um punhado de farinha, e
uma fracaço de enchiço da bota, feita
de farinha de mandioca, que
era de qualquer as guelas e con-
selhos a um filhão de Deus.

segunda que eram tâches para el-
as, e que eram de cinco mil cabegas, mas
não achamos uma só res, nem
encontramo-nos a tal vaquinha assassinada
por nós.

Me ferzei o sangue, e eu disse
para o Chico Pitanga:

— Isto também é domínio

do Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

— Boa noite, e que venha

o Domingos Espaulha.

OUTROS DEPOIMENTOS SOBRE INGLEZ

UM ROMANCE DA VIDA AMAZONICA

Jose Veríssimo

Este romance do sr. Inglez de Souza não é talvez, sem embargo de se republicar agora em segunda edição, tão conhecido quanto merece. Apareceu há nove anos, em Santos, num formato impróprio e incommodo a este gênero de literatura: foi certamente ido pelos, não muito numerosos, que leem livros brasileiros, estimando peles que o leiam, invadido pela crítica em pelo naturalismo, com tanto isto, podem-se não me engano, não penetrado propriamente no público, se não divulgado, ficou justamente meio desconhecido. Se não é meia esta minha impressão, a nova e boa edição que dele acaba de publicar a casa Láemert, revista pelo autor e precedida de um estudo do sr. Araripe Junior, e que se um livre roteiro, E não hesito em afirmar, um dos melhores, ao meu parecer, da nossa literatura em prosa.

Tenho este romance, infelizmente um defeito, cuja gravidade não tentare diminuir: a desproporção entre o assunto e o desenvolvimento que lhe deu o autor. O drama parece-me pequeno para tanto cenário, o patígio demasiado vasto para a tinta. Desto se não inicial derivam as máculas secundárias que uma critica médica poderia descrever na sua composição: excesso e míndicas de descrições e narrações, amplificação de episódios, proliferação, senão difusão de texto. Estes defeitos, porém, fundem-se e quase desaparecem na fluidez da narrativa, na análise inteligente e, por vezes, sutíl das caraterias, na excelência das descrições, no interesse que o escritor teve o talento de dar ao

seu romance. E a impressão geral que nos resta, que me fico ao menos das duas vidas que o sr. é de uma obra quase perfeita, em que a logua, sem ser de uma pureza irrepreensível, é correta, exata e elegante; o estilo claro, pitoresco e natural; a invenção imaginativa; as sensações sinceras; a emoção direta e a compreensão geral, que combina e faz valer tudo isto, a disposição, a arquitetura da obra, em suma, bon. Boa mesmo, como é vulgar nos nossos romancistas.

Parece-se a ação do romance na Amazônia, há mais de vinte anos. A uma vila do interior, Silves, chega um novo vigário, padre moço ardente na fé, zeloso na prática, invadido pela crítica em pelo naturalismo, com tanto isto, podem-se não me engano, não penetrado propriamente no público, se não divulgado, ficou justamente meio desconhecido. Se não é meia esta minha impressão, a nova e boa edição que dele acaba de publicar a casa Láemert, revista pelo autor e precedida de um estudo do sr. Araripe Junior, e que se um livre roteiro, E não hesito em afirmar, um dos melhores, ao meu parecer, da nossa literatura em prosa.

Tenho este romance, infelizmente um defeito, cuja gravidade não tentare diminuir: a desproporção entre o assunto e o desenvolvimento que lhe deu o autor. O drama parece-me pequeno para tanto cenário, o patígio demasiado vasto para a tinta. Desto se não inicial derivam as máculas secundárias que uma critica médica poderia descrever na sua composição: excesso e míndicas de descrições e narrações, amplificação de episódios, proliferação, senão difusão de texto. Estes defeitos, porém, fundem-se e quase desaparecem na fluidez da narrativa, na análise inteligente e, por vezes, sutíl das caraterias, na excelência das descrições, no interesse que o escritor teve o talento de dar ao

seu romance. E a impressão geral que nos resta, que me fico ao menos das duas vidas que o sr. é de uma obra quase perfeita, em que a logua, sem ser de uma pureza irrepreensível, é correta, exata e elegante; o estilo claro, pitoresco e natural; a invenção imaginativa; as sensações sinceras; a emoção direta e a compreensão geral, que combina e faz valer tudo isto, a disposição, a arquitetura da obra, em suma, bon. Boa mesmo, como é vulgar nos nossos romancistas.

Parece-se a ação do romance na Amazônia, há mais de vinte anos. A uma vila do interior, Silves, chega um novo vigário, padre moço ardente na fé, zeloso na prática, invadido pela crítica em pelo naturalismo, com tanto isto, podem-se não me engano, não penetrado propriamente no público, se não divulgado, ficou justamente meio desconhecido. Se não é meia esta minha impressão, a nova e boa edição que dele acaba de publicar a casa Láemert, revista pelo autor e precedida de um estudo do sr. Araripe Junior, e que se um livre roteiro, E não hesito em afirmar, um dos melhores, ao meu parecer, da nossa literatura em prosa.

Tenho este romance, infelizmente um defeito, cuja gravidade não tentare diminuir: a desproporção entre o assunto e o desenvolvimento que lhe deu o autor. O drama parece-me pequeno para tanto cenário, o patígio demasiado vasto para a tinta. Desto se não inicial derivam as máculas secundárias que uma critica médica poderia descrever na sua composição: excesso e míndicas de descrições e narrações, amplificação de episódios, proliferação, senão difusão de texto. Estes defeitos, porém, fundem-se e quase desaparecem na fluidez da narrativa, na análise inteligente e, por vezes, sutíl das caraterias, na excelência das descrições, no interesse que o escritor teve o talento de dar ao

le, o Sancho Pança bem local, bem original, uma bon criatura do sr. Iré de Souza.

Não queria tirar ao leitor o gosto do seu próprio romance, as aventuras do vigário de Silves, transformado em missionário do Evangelho no gentio Mundurú.

O romance do sr. Inglez de Souza é ao mesmo tempo um quadro vivo e exato da vida amazônica — mas um quadro, cuja rendição tem sido, muito ao de leve embora, diminuída pela pintura de memória — e uma representação, um aspecto moral dessa vida. Não direi que o padre Antônio de Moraes era um santo, ou um herói, seja um símbolo dos parcos sermões da religião; o seu caso, porém, é frequentíssimo ali. É constante em todos os observadores a nota de indiferença do caráter brasileiro. Em matéria religiosa essa indiferença é, parecendo, desmarcada. Essa indiferença é geral, e especialmente religiosa, não creio seja em parte alguma do Brasil maior que na Amazônia. Aliás, a predominância acolá do elemento indígena, a grande facilidade da vida em uma ge — e profundamente acomodada a todas as circunstâncias e condições dela, explicam este saliente rasgo do seu caráter. O padre Antônio de Moraes pertencia bem ao seu meio e, talvez, a gente nele dominante. Crinava-se na vida solta e dissoluta dos sítios e fazendas de Igarapés, que deixou nome indigo: um tradição parnense. O Seminário conviveria, disciplinaria, compensaria, com a sua regra, as suas exercícios, a sua disciplina, o seu temperamento melancólico por sua natureza, brutal e lascivo por seu país, essa era um serralho. Fez bons estudos, foi o primeiro em teologia, sua física e moralmente no Seminário, onde a força de exercícios de piedade e devoção, ganhou uma exalação mística. Chegou a sua paróquia cheia das mais altas resoluções de um verdadeiro apóstolo religioso. Impôs ao princípio pelo seu exemplo, realmente singular ali, cujo último vigário deixou a firma ignobil de que se encontram escrito em relatórios presidenciais. Mas poucos a pouco, a incapacidade de ardor daquela gente foi vencendo a reação que o seu zelo produzia. Ele sente a sua obra perdida, inutil, os seus esforços, sem recompensa, os seus estudos e paixões. Os seus humores, os Homens, os livres pensadores, os magos do lugarez, duvidam da sua sinceridade, desafiam-no a uma grande obra de abnegação e sacrifício, como a catequese dos salvagens, que precisamente assolavam uma região não muito distante. A sua vaidade, porque no íntimo do seu ardor, da sua devação, do seu espírito de proselitismo há este sentimento, um desejo de glória, de renome, de posições, de aparecer e saber, só que fôr o mais laureado aluno do seminário, exalta o seu animo desalentado pelo indifference ingrata dos seus paroquianos. Não, não se inutilizava naquela aldeia, onde sente acalbar por desmoronizar-se, como o seu antecessor, o famoso padre José, como a maioria dos outros vigários sertanejos. Ira cateque selvagens, prestando à religião e à civilização do Amazonas este grande serviço. Terá o martírio talvez

e, certamente, a glória. Foi de ardente entusiasmo infantil, nascido, não só resguardado, mas nutrido, contrariado, nem sempre, de tempos dantes, quando esperava receber o raro biscoito, se aquela conformidade instalada, casinhamente agradável, num ato de que o outro padre, vigário de Manaus, o seu retrato dos seus amados sítios. Até da-se o suprêm, quando da sua fôr de sua humanidade, de seu ardor apocalíptico, crim a seu temperamento, com o seu zelos real, a sua verdadeira indiferença, a educação eclesiástica negligenciada e despicando não concurvando todo viver e unícular.

O romance moderno, com o naturalismo, principalmente, fundando-se numa filosofia materialista de curto descorrido, que, esquecendo as reações sociais, evidentemente tanto poderam, a carne uma absoluta crepidez, tanta sobre o espírito, usava e abusava do falso pressuposto, contrariando pela experiência, das necessidades genéticas. E somente se postulado arquitetônico, mesmo número dos seus romances. O dr. sr. Inglez de Souza, na mesma concepção, somente é um daqueles em que a "realidade" é renos sacrificados no que de absoluto há nela, na biologia, e ao preconceito, que a sua composta verossimilhança tem o autor do Missionário no seu impecável copioso do meio em que se colocou, e, como ele tem a competência de expor, a mesma base moral do seu personagem, totalmente favorecido pelas circunstâncias desse meio. O caso de sr. Antônio de Moraes é um daqueles em que mais nos parece a indicação filosófica de perfeita correspondência com a realidade, e é para observar a arte com que o romancista graduou a evolução do personagem para o libertino, de modo a não ofender nemhuma dessas virtudes superiores da natureza humana, que são a base invariável da arte. A transformação faz-se lentamente, naturalmente, e a melhor, por último, do nadir, que acarretou a conciliação a sua fé, a prática do seu ministério, com a irreversível sacrifício da sua vida e viveam os que a sua consciência, dividindo-a sua existência em duas opções distantes, apelando tristes e confiante para um arrependimento extremo, uma abnegação total, é um fato de experiência e de romance, de uma grande obra artística. Os sonhos ambiciosos o falso missionário não o são menos, se bem não me parecem tão conformes ao que chamarei a realidade locai.

Recente este livro com prazer. Ao seu mérito próprio, não pecou, juntamente para mim a evocação da passagem, cenas, tipos e costumbres, que a saudade, postos em grandeza. Não julgo somente no romance a exata e minuziosa figuração das "vivas descrições e recordações".

(Continuação da página anterior) Nervo nacional quase se encontram os cantares antigos, que na primeira infância recebera de seus maiores. Assim nos transmitiu ele, desde o berço, com as suas toadas originais e antigas, vários romances e canções portuguesas, dos quais foram colecionados no Romanceiro de Garrett. De sua mãe, que os recebera de sua avó velha, natural dos Algarves, nos legou ele com a sua doce e suave melopeia portuguesa, o Conde Iano, a Donzela que vai à guerra e a Dona Infanta. Fotos de sua prima, nascida no Amazonas, narradora de com sua saudade e intensa poesia; acontecimentos de sua vida de estudante ou de homem, anedotas que outrora ou de que fôr expectador. Tinha tal chiste e uma graça tão sua em recordá-las, numa linguagem simples e desatada, mas viva, colorida e pitoresca, que muitas e muitas notícias, sem sair de casa, ficavam todos em verso curto, a ouvir de deleitados. Mas basta estender um pouco Ingles de Souza satir do Amazonas com 11 anos de idade, voltou com 21 a passar uma férias com a família, entdo em Olíbias. Foram dois meses especiais que passou no convívio da juventude, sem quase sair de casa. "Teio para o sul e jamais tornou à Amazonas. Desenvolvendo em seus heros a natureza e a vida amazônica, principalmente no O Missionário, so enganou numa sintonia exata: a época da desova das tartarugas, que ele pôs em justo, quando deveria ser em agosto, ou viceversa.

No entanto, em nenhum outro rascunho nem borrões, três e qua-

tro trabalhos diferentes. Se se reunisse tudo o que sua pena produziu, nos 45 anos do seu inventário, labor, dar-se-ia material a muitos volumes. A sua linguagem, como é fácil de verificá-lo, é suau, cortês, sem preocupações de purismo e português, e, sobretudo, clara, fluente, harmoniosa, simples e desatada, mais colorida e variada.

Não era um orador, no sentido comum e vulgar: falava-lhe, sobretudo, a voz, que embora fosse agradável, era um tanto fraca e velada. Tinha, entretanto, extraordinário poder de persuasão, a sua ascendência moral e razão sabedoria, amizade, alta, grande autoridade, e com poucas palavras, sempre cortes e nimboas, as uma ingênua modestia, rodadas muitas vezes adversários extremos. Das línguas estrangeiras, falava e escrevia, com notável correção, italiano e o francês.

Foi presidente das províncias de Sergipe e Espírito Santo, no Império. Oficial da Ordem do Rosário, Reitor da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, presidente do Instituto da Ordem dos Advogados do 2º Congresso Jurídico Brasileiro, Membro da Academia de Letras, Reitor em 1910 do Brasil na Conferência Pan-Americanas de Buenos Aires, em que foi escolhido presidente da comissão para afixação da legislação sobre leis do ramo. Foi presidente do Conselho Administrativo da Caixa Econômica e deputado pelo Piauí, tendo sido na Câmara, membro da Comissão de Justiça.

Assim se deleitava intensa leitura dos antigos Poetas como Homero e dos demais gregos, e, sobretudo na da Bíblia, que ele considerava o maior dos livros, — em que a vida primativa se reproduzia perfeita, numa série admirável de quadros, Horácio e Juvenal foram o prazer intelectual de seus últimos dias.

Tinha, como era natural a quem toda a vida escrevera e vivera de pena grande facilidade no escrever. Nas três horas que pôde manter, quotidianamente, conseguia dos seus labores de gabinete, escrevia, muita vez, de um jato, sem pausa, sem sair de casa, "Teio para o sul e jamais tornou à Amazonas. Desenvolvendo em seus heros a natureza e a vida amazônica, principalmente no O Missionário, so enganou numa sintonia exata: a época da desova das tartarugas, que ele pôs em justo, quando deveria ser em agosto, ou viceversa.

No entanto, em nenhum outro rascunho nem borrões, três e qua-

tro trabalhos diferentes. Se se reunisse tudo o que sua pena produziu,

nos 45 anos do seu inventário, labor, dar-se-ia material a muitos volumes. A sua linguagem, como é fácil de verificá-lo, é suau, cortês, sem preocupações de purismo e português, e, sobretudo, clara, fluente, harmoniosa, simples e desatada, mais colorida e variada.

Não era um orador, no sentido comum e vulgar: falava-lhe, sobretudo, a voz, que embora fosse agradável, era um tanto fraca e velada. Tinha, entretanto, extraordinário poder de persuasão, a sua ascendência moral e razão sabedoria, amizade, alta, grande autoridade, e com poucas palavras, sempre cortes e nimboas, as uma ingênua modestia, rodadas muitas vezes adversários extremos. Das línguas estrangeiras, falava e escrevia, com notável correção, italiano e o francês.

Foi presidente das províncias de Sergipe e Espírito Santo, no Império. Oficial da Ordem do Rosário, Reitor da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, presidente do Instituto da Ordem dos Advogados do 2º Congresso Jurídico Brasileiro, Membro da Academia de Letras, Reitor em 1910 do Brasil na Conferência Pan-Americanas de Buenos Aires, em que foi escolhido presidente da comissão para afixação da legislação sobre leis do ramo. Foi presidente do Conselho Administrativo da Caixa Econômica e deputado pelo Piauí, tendo sido na Câmara, membro da Comissão de Justiça.

Duas páginas de Araripe Junior sobre Inglez de Souza

Mais de uma vez, Araripe Junior, que é um dos maiores críticos que o Brasil tem tido, escreveu acerca de Inglez de Souza. Aqui transcrevemos dois dos seus estudos. O primeiro consta do seu expositivo trabalho *Literatura Brasileira — Movimento de 1830*. É uma análise do livro *Contos Amazonicos*, da autoria do autor paracense. O segundo é um trecho de longo e admirável prefácio que Araripe escreveu para o *Missionário*, quando esse romance apareceu em segunda edição, na casa Laemert & Cia.

Eis os dois trabalhos:

OS CONTOS AMAZÔNICOS

Nos *Contos Amazonicos* não encontro um só escorço de malfazer, que arme a voluptuosidade, nem uma cena em que o autor se mostre preocupado com a pimenta moderna da pornografia.

O autor do *Missionário*, que possui excelentes dotes de narrador, é um naturalista e um grande observador. As suas qualidades mais notáveis são o amor da natureza, a perfeita identificação artística com o mundo em que se agitam os seus personagens, e a compreensão exata do movimento histórico da região, donde se desdobram as cenas dos seus contos. O seu talento impregna-se de um modo singular da paisagem e da vida amazônica, de sorte que as suas narrativas, sem artifícios e muito despretenciosas, desenvolvem-se com colosalidade, e, encantadoras, inspiram no leitor o mesmo interesse que inspiraram trechos de memórias sobre acontecimentos clássicos da história do Pará. Os costumes nacionais se esboçam com riqueza, e o caráter do povo e dos personagens lendários das ribeiras nada deixa a desejar pelo lado estético.

Nos *Contos Amazonicos* a maior parte das faixas narradas referem-se ao nefasto período da Cabanagem, de que Raimundo de Souza fez curiosos relatos no seu livro *Motins políticos*. Como se sabe, o período da história do Pará que decorreu de 1820 até 1835 é, talvez, um dos mais ricos em episódios que se encontram nos anais de nossa terra. As paixões políticas e até as de raça tomaram então um incremento desesperador. O nacionalismo assumiu as formas imprevistas, e o encontro das raças, na luta entre o português e o tupi, no momento crítico da formação da nacionalidade brasileira, proporcionou a constituição de tipos extraordinários e pitorescos, que perduram na imaginação do povo. Portugueses e tupis tiveram os seus heróis assim como os seus tipos ferozes. Entre eles surgiram também mestigos e figuras intermedias, cujos nomes ainda são hoje lembrados, uns com admiração, outros com pavor. Os vultos de Eduardo Angelim dos Vinhais, do conego Campos, de Malcher, de Jales, só esperam que o romancista os fixe numa tela de largas proporções para que se tornem tanto sumptuosos como os mais celebrados das literaturas estrangeiras. O meio barbaro em que estes tipos se formaram é um dos mais propícios para o desenvolvimento de cenas dramáticas. Basta transportarmos a ele pela leitura dos documentos oficiais para que, inflamada a imaginação, se reproduzam em nossa mente os lineamentos das tradições primitivas. Foi ai que Inglez de Souza colocou os seus personagens, e do encontro das nações de homens civilizados com a rudeza dos ignorantes habitadores dos sertões soube tirar efeitos comoventes, sem artifícios, e sem o empre-

go das fíceles da antiga arte romântica. Em quase todos os seus contos sente-se, quando nada, ao longe, o rugido de Cabanagem e a repercussão do sobressalto político no almoço de todos os seus interlocutores. Os caracteres, portanto, que no livro são postos em evidência, medem-se pela bitola da Bebede, história melancólica de um emigrado pernambucano, que se retirava para o Amazonas em consequência dos sucessos de 1817.

A fisionomia de Paulo da Rocha, um dos soldados do capitão Domingos José Martins, como se pode ver de uma leitura atenta do livro, foi criada do natural. O romancista observou-o e recolheu a legenda, que a imaginação popular amazonense criara em torno deste personagem misterioso o qual, por ser um vencido e prostrado, vivia retirado do mundo e, portanto, se constituiu o cabide em que o novo circunvizinho se aprazia em pendurar tudo quanto lhe vinha a fantasia. Nas regiões do extremo norte não são raros indivíduos como estes; e quase sempre em torno destes se passa um fenômeno que a mitologia já expôs. Estes indivíduos atraem a mentira e tornam-se centros de verdadeiras criações, a que muitas vezes permanecem completamente estranhos. A sua tristeza e o seu recolhimento bastam como ponto de partida; o resto fica por conta da inventiva maligna do vulgacho. E então Gáse o que eu chamarrei um crime estético inconsciente: o povo, procurando expurgar-se dos crimes que são seus, colhendo todas as maldades que constituem a atmosfera moral da região, atribui tudo ao pobre e inofensivo exquistiato que teve a infelicidade de reunir em si a feição e os gestos de bode expiatorio do lugar. O Paulo da Rocha do conto é um destes tipos. Experimentado pelas contingências da vida e ainda mais virilizado pelas torturas de uma revolução, deixara que a bondade baixasse sobre sua alma; e a resignação depois ensinara-lhe a viver sozinho, fora do movimento das cidades: esta higiene moral, porém, não fora bastante para prevenir-lhe a agressão do espírito onzeno do povo, que não podia enxergar nesse velho senão uma consciência repleta de remorsos por assassinatos, e um representante legítimo do gênio do mal, que no vale do Amazonas gerava todos os males da Cabanagem. Semelhante ao morcunditudo que de cima dos telhados faz medo às crianças, o velho Paulo da Rocha aparece nessa pequena história como o terror das gentes. Entretanto, esse velho mulato, que aprendera praticamente direito público em 1817, na revolta de Pernambuco, e que sabia o que significava ter uma guerra civil, tendo já lá experimentado as trações e os perigos; esse velho mulato, quando a tapuia começou a devastar o vale de Amazonas, não foi cabano, nem foi partidário dos marinheiros, porque tivera tempo de penetrar o segredo da perversidade que agitava a uns e outros, de vestir-se de coragem para esperar o embate das duas ondas perigosas, e de assistir ao dilaceramento das suas más caras aféições. Inspirando-se nesta situação psíquica e naturalística, Inglez de Souza desenhou no pequeno conto um drama que é um primor.

Outras cenas não menos violentas se topam no volume de lendas, mais ou menos inspiradas pelos mesmos sentimentos. A *Quadrilha de José Patacho*, por exemplo, que se baseia em um episódio histórico, muito conhecido de todo parnense, põe em relevo um tipo desconhecido no romance brasileiro, — o pirata dágua doce. Muitos julgarão que o fato narrado tragicamente nesse conto seja imaginário. Pois é certo que no Pará houve um pirata, que praticou por sua conta nas águas do grande Rio horrores iguais aos que os cronistas narram dos argelinos ou dos antigos filibusteros das Antilhas. José Patacho existiu e os fatos de perversidade de que os documentos históricos lhe atribuem seriam suficientes para eriar-lhe no romance uma fama superior à dos bandidos do mar descritos por Fenimore Cooper e Eugenio Sue.

O MISIONARIO

A última parte do romance proporciona ao dr. Inglez de Souza mostrar toda extensão do seu talento de paisagista. Em verdade não conheço livro escrito por brasileiro em que a natureza tropical apareça representada com tamanho esplendor.

Se Chateaubriand não estivesse fora da roda, eu diria que havíamos encontrado o nosso Chateaubriand, um Chateaubriand à moderna, não a maneira de Pierre Loti, matematista, observador, ao mesmo tempo psicológico e otimista. Digo otimista intencionalmente, porque um americano não pode ser senão otimista, maxi-mo quando se volve para a terra natal, um tanto esquelético do que seu livros torturados do seu tempo europeu. Ao contrário do autor de *Atala* o dr. Inglez de Souza não foi buscar na contemplação da natureza amazônica a confirmação de um estado "da alma" merencioso e triste. A sua paisagem é opulenta, variada, por vezes solene e misteriosa: muito colorida e fulgurante; mas não passa sobre ela a preocupação do vago infinito, do simbolismo divino e a tortura do problema eterno; antes pelo contrário, avivitam-na a cada passo os brilhos da alegria, os festivais da vida dos trópicos; e se nela existe alguma preocupação, é a de atingir a intensidade máxima da força.

Rene chorava e enternecia-se quando, perdido nas margens do Mississipi ou dos grandes lagos ignorados, ouvia o ronco longínquo do catarral do Niagara. Rene, alma solitária e apaixonada, velava-se de luto e suspirava dolorido quando a lua no deserto se nubila, vigarosa por cima da copa das árvores, lancetando uma claridade azul e aveludada sobre as savanas, onde a elva dormia imóvel e orvalhada. Padre Antonio, pelo contrário, se perde a alegria, é momentaneamente, por cansaço, por sobressalto. Apenas toca-o um aspecto novo, reaparece a energia. O seu temperamento engolfa-se e a sucessão de aspectos determina uma série quase ininterrupta de desejas febris de atividade. A paisagem, portanto, como complemento psicológico das determinações volitivas, reproduz-se na imaginação do personagem como um agente poderoso, benéfico e rejuvenescente. As regiões bravias do novo mundo do dr. Inglez de Souza, longe pols de esmagarem o espírito difundindo-lhe um sentimento morbido, angustioso e melancólico, uma tristeza incurável segundo Deus entusiasmam-no e inspiram-lhe uma nova crença na vida e no amor.

Tudo isto pode ser clara as tendências do romancista. A sua imaginação embora muita amoresa da natureza morta tem a ventura de estar ainda a uma distância equilibrada e perfeitamente unida daquela celebre doença que (Continua na página 59)

A vida é de cabeça baixa

ALVARO MOREYRA

DE NOITE, DOIA

Ao fundo, na parede branca, um crucifixo que as lâmpadas de gás faziam estremecer, e um pupilo de onde os olhos de um padre vigilavam. Pequenas cartelas, em seis filas, entre as janelas, por toda a sala. Vultos adolescentes debruçados sobre livros. De quarto em quarto de hora o relógio batia. Único rumor no silêncio da noite. Não me lembro do vento. Não me lembro da chuva. Mas de certos sábados em que músicas proféticas, vozes de serenatas distantes subiam e cantavam em mim...»

O MEU AMIGO JACINTO

Jacinto Godoy Gomes, que hoje trata dos doidos em Porto Alegre, foi meu companheiro em São Leopoldo. Formou-se antes. Esteve de visita lá, um domingo. Depois me mandou este soneto:

VISITA AO COLEGIO

Chego. Puxo o cordão da campainha.
One-a tocar. Assim é que toca.
E' o mesmo som de outrora que ela tinha
Quando, triste, das férias eu chegava.

Recebe-me o porteiro. Ainda é o que vinha.
Abrir-me a porta e alegre me contava.
As coisas novas que o colégio tinha,
Quando, triste, das férias eu chegava.

Entro e por tudo o meu olhar caminha.
Nada mudou. Quem disse que mudava?
Nem o porteiro. Nem a campainha.

Só eu. Só eu. Se pudesse, chorava.
Pois já não trago as ilusões que tinha
Quando, triste, das férias eu chegava...»

Este soneto tem trinta e sete anos.

A PRAGA

Recebi-a da boca do professor de matemáticas que também lecionava história natural, matérias em cujos exames, por especial indulgência, fui aprovado com grau 1. Chamava-se Rick. Era apavorante: muito comprido, muito magro, muito feio, e sabia tudo. Na galeria do pátio, os mestres, almeias e ameias, se despediam dos alunos. A cada um dos que haviam terminado o curso, murmuravam palavras sem consequências, reproduziam votos de venturas e triunfos. A mim, orador da turma, o poeta do colégio, ator aplaudidíssimo nos espetáculos da festa do Reitor, de São Luiz Gonzaga, do fim do ano, iam profetizando, à medida que me abracavam, futuros maravilhosos. Cheguei ao padre Rick, o último, no portão quase. Ele derramou as mãos, cabedal em cima dos meus ombros, fincou os olhos gelados nos meus olhos, perguntou:

— Enon, Morerra, que vai fazer agora?
Respondei, tremendo, que pretendia estudar Direito.

— Direito!

Abriu-se de alto a baixo, numa terrível gargalhada. E com a recordação de que eu nada tinha sido nas aulas dele, concluiu:

— Vai. Morerra, vai! Nunca será nada na vida!

Vim. Somei idade. Não entendia mal da vida do que entendia das matemáticas. Continuai a preferir as histórias artificiais às outras histórias.

Nosso Senhor já chamou o padre Rick para classificar as plantas dos jardins suspensos do Paraíso e ensinar geometria no espaço. Eu fiquei. Fiquei com aquela praga, que foi só o que aprendi com ele...»

ESTAS COISAS

Lembranças... Folhas de diários... Instantes... Alguma paisagem... Multa gente... Monólogo. O monólogo de Hamlet, que se esforçou. De Hamlet num país claro, anexo de tudo. De Hamlet que não morreu na idade de deixar um retrato melhor. Educação sentimental. Primeiras realidades. Mudanças. Encantos. Alegrias. Aborrecimento. Ilusões substituídas. Personagem e autor, juntos num homem, fora de cena. Um homem. Às vezes, contente. As vezes, triste, tristonho. Sempre simples. Por acaso, de quando em quando, perverso. De propósito, em geral, tolerante. Um homem. Um homem surprezo. Sem razão aparente. Com qualquer motivo oculto. Como um ego que tapa os olhos com a mão.

AS CRIANÇAS SABEM...

O primeiro desejo que me alvorocou neste mundo — o primeiro guardado na minha memória consciente — foi um chicote. Um chicote cor de marfim, lindo, cheio de flores lavradas no cabo de prata. Estava bem no centro da vitrina, na rua de Bragança. Eu descia com meu pai. Parei de repente.

— Oh!

— Que?

— Eu queria esse chicote.

Meu pai olhou para mim, esfarrapado:

— Para quê que tu queres um chicote?

— Eu quero.

— Não. Vamos embora.

Insisti:

— Eu quero!

— Não!

Chorei:

— Eu quero! Eu quero!

Fiz um escândalo.

— Não e não! E é trata de calar a boca!

Não ganhei o chicote. Tratei de calar a boca. Há tanta coisa...

Por isso é que eu não nego nada aos meus filhos. Se eles me pedirem dinamite, vou arranjá-la. As crianças sabem do que os homens precisam...»

POESIA

Menino, conheci sete Marías. Três que estavam na terra. (Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

Quatro que estavam no céu. Agora as sete estão no céu; minhas avós, minha mãe, Nossa Senhora e aquelas estrelas...

OS RETRATOS

Todos os meses eu ia passar um dia com dona Claudina, na Florista. Dona Claudina tinha mala de setenta anos. A casa dela era linda, grande, no meio da chácara larga e comprida, com flores e frutas. Dona Claudina me queria muito bem. Enchia as suas mãos de azeitonas. Ia passar comigo no sol. Conversava, conversava. Uma vez me mostrou um álbum de retratos:

— Sabes quem foi essa menina?

— Não senhora.

— Fui eu. E essa mocinha?

— Foi a senhora?

— Fui eu.

Virava as folhas cheias de mulheres bonitas. Todas tinham sido dona Claudina. A última estava com um bebê no colo:

— Adolfo quando começou a engatinhar.

(Era o filho de dona Claudina).

Virei as folhas vazias, perguntei:

— Não tem mais dona Claudina?

Respondi:

— Não... depois não teve mais dona Claudina...

Olhei para o rosto dela escondido pelas rugas.

— Que é, Avinilho?

— Eu queria ver a senhora.

A VARANDA

Era assim que se chamava a sala de jantar. Amplia. Três portas. Duas janelas. A mesa no meio. Seguro no teto, um lampião de querosene. Quando a empregada acendia o lampião, os pequenos iam pedir a bênção aos grandes, e os grandes falavam uns para os outros:

— Boa noite.

Movete à direita, à esquerda, ao fundo. Entre as janelas, uma banquinha de palha. Nas paredes, a Ceia de Cristo, paisagem a óleo, um relógio de pendente.

E o cenário do 1º ato.

São os que já encontrei em cena.

Eles sabiam a vida de cor.

Fu sempre preciso de ponto.

(Pelo menos é essa a opinião dos vários "pontos" que pensam que eu os tenho ouvido...)

OS PÁSSAROS AZULES

Quando a Fada de nome tão bonito: Luz — levou ao país dos mortos a menina e o menino que andavam procurando o pôr-á-sol azul, as duas crianças não encontraram os mortos, e quis-sentaram saber:

— Mas onde estão os mortos?

A Fada Luz respondeu:

— Não há mortos.

Talvez não haja. Porém a lembrança dos entes que amamos e não vemos mais, põe no coração de nós todos a certeza magnífica de que há a ausência sem retorno. Os que foram embora, na viagem sem fim, estão perdidos para sempre. Não morreriam, porque temos saudades deles. Mas deixaram de viver. Eram sentimentos. São pensamentos. A nossa ternura segue a busca-lhos. Busca-se na imensa solidão do mundo. E volta, desamparada, com os olhos vazios, a boca com os beijos que levaram, às mãos com as carícias que não puderam fazer.

Que importa a convicção da imortalidade! A distância tem um limite. Nesse limite o céu e a terra se reúnem, e o que resta é o horizonte, azul, longe, tão longe, tão azul, — inatingível... Cada um dos nossos mortos é um passaro azul...

O atual quadro da Academia Brasileira

Algumas estatísticas sobre a imortalidade

Com a entrada do sr. Getúlio Vargas para a Academia Brasileira, na saída de Alcântara Machado, este completo os quarenta de cem do Machado de Assis. Será tórrito ocioso se apresentarmos algumas estatísticas da imortalidade ao leitor que poste desses assuntos de literatura...

Por Estados os acadêmicos assim se distribuem:

Pará — Oscaldo Orico;

Maranhão — Virgílio Correia;

Ceará — Clóvis Beviláqua e Gustavo Barroso;

Rio Grande do Norte — Rodolfo Garcia;

Paraíba — Pereira da Silva;

Pernambuco — Antônio Augusto, Adelmar Tavares, Olegário Mariano, Celso Viana, Mário Lobo, Barbosa Lima Sobrinho e Manuel Bandeira;

Bahia — Afrânio Peixoto, Xavier Marques, Otávio Mangabeira, Pedro Calmon e Clementino Fraga;

Distrito Federal — Magalhães de Azevedo, Afonso de Castro, Fernando Magalhães, Roque Pinto, Miguel Osório de Almeida, Alceu Amoroso Lima;

Estado do Rio — Afonso Pena, Levi Carneiro e Oliveira Viana;

São Paulo — Rodrigo Otávio;

Cláudio de Souza, Guilherme de Almeida, Ribeiro Crasto, Cassiano Ricardo e Mamedo Soares;

Santa Catarina — Alfonso de Paiva;

Rio Grande do Sul — Alcides Mauá, João Nemes de Fontoura e Getúlio Vargas;

Minas Gerais — Helio Lobo, Mato Grosso — D. Aquino Correia;

Portugal — Filinto de Almeida;

Vié que hoje o Estado leader é em matéria de Academia — é Pernambuco, que conta sete imortais. Museu; Rodolfo Garcia, diretor da

Sequência S. Paulo e Distrito Federal, cada um deles com seis. Vem depois a Bahia, com cinco, o Rio Grande do Sul com três. No Estado que não estão representados os que fizeram o Acte, o Amazonas, Paulínia, Espírito Santo, Paraná e Goiás. Dentes, o Acte, o Amazonas, o Espírito Santo e Goiás, nenhuma representante, nem político, nem religioso, de que a fome. O peito agüenta mais ouvia de pancadas, em vez de contrição; os joelhos suportam largas horas de posição devota em cima do tijolo; mas a barriga... oh! e uma libertina, não sobre com paciência dez minutos de necessidade.

Biblioteca Nacional: Mário Lobo, agente fiscal de imposto do consumo; Pereira da Silva, funcionário da Central do Brasil; Oliveira Viana, ministro do Tribunal de Contas; Barbosa Lima Sobrinho, diretor do Instituto de Alcool e Ácidos.

São registrados os srs. Rodrigo Otávio, Alcides de Paiva e Adelmar Tavares.

São ex-ministros de Estado e ex-parlamentares os srs. Getúlio Vargas, Fernando Magalhães, Olegário Mariano, Otávio Mangabeira, Pedro Calmon, Barbosa Lima Sobrinho, João Neves, Leônidas Cunha, Clementino Fraga, Vítorino Correia e Mamedo Soares.

São capitalistas os srs. Filinto de Almeida, Cláudio de Souza e Mamedo Soares.

E' tabelião o sr. Olegário Mariano.

Por último — existem hoje quatro membros fundadores da instituição, que são os srs. Rodrigo Otávio, Filinto de Almeida, Clóvis Beviláqua e Carlos Magalhães de Azevedo.

Chateaubriand e Musset

Em casa de Got, encontram-se Beranger, Chateaubriand e Lamennais. Falta-se sobre Alfredo de Musset. Beranger diz:

— "Un petit-fils" de La fontaine, não, celul-lá".

E Chateaubriand:

— "De la fontaine à l'autre-vie, parait-il".

OPINIÕES DE TOBIAS BARRETO

Não ser uma cifra — Não me sinto com disposição de ser simplesmente uma cifra de mais no número deste ou daquele rebanho, limitando-me a expandir os termos balados da humilhação e da baixa.

Os que não querem atender a Deus — Ainda há muita gente que, para não ofender a Deus, duvida dos ensinos e descobertas da Astronomia.

Definição de Estado — O celebre estilista francês, Eugène Pelletan, em uma bela e concisa definição, diz que o Estado é a inteligência do Poder. Não obstante a bela e a conclusão, nota alguma coisa de vago e indefinido. Eu pediria permissão para modificar e restringir, dizendo que o Estado é a subordinação dos declaradores, os republicanos — incertos, vacilantes entre as parlamentares francesas e o aeroporto norte-americano. Não era isso contradição de sua parte, desde que nunca se filiou em banda alguma, como sectário decidido, como partidário submisso, ortodoxo, cababiloso no mundo das chefes. Era um livre admirador não por si só de um crítico, e quem os erros inegáveis dos três partidos desgostavam, provocando-lhe a verve caustica. Não encontrou neste país quem fizesse a política larga, humana, democrática e nacional, brotada de nossa história, que ele sonhava."

De Silviano Romero:

"Resplandecendo nos escritos de Tobias, no correr de vinte anos, encontra-se frase de censura aos três partidos que disputavam na arena política do país: os conservadores — se lhe afiguravam retrogrados, homens de atraso, comissários; os liberais — contraditórios, fantasistas, incapazes de cumprir o que prometiam, estragados pela frascologia ritórica dos declaradores; os republicanos — incertos, vacilantes entre as parlamentares francesas e o aeroporto norte-americano. Não era isso contradição de sua parte, desde que nunca se filiou em banda alguma, como sectário decidido, como partidário submisso, ortodoxo, cababiloso no mundo das chefes. Era um livre admirador não por si só de um crítico, e quem os erros inegáveis dos três partidos desgostavam, provocando-lhe a verve caustica. Não encontrou neste país quem fizesse a política larga, humana, democrática e nacional, brotada de nossa história, que ele sonhava."

** * *

De Gilberto Amado:

"O que mais nos interessa hoje em Tobias é o homem, o homem e o espírito. O homem no descreveram vários autores contemporâneos e discípulos. Daí se depõem de uma força extraordinária. Estamos diante de uma intensa personalidade, erros e virtudes. Na medida da inércia geral dos escritores ateiros a rotina e fórmulas da mediocridade, ele se arrepela como um judeu, inacessível de salvo, belo, bonito e sóbrio como um ser fabuloso."

De João Ribeiro:

"Tobias Barreto era, de certo, um espírito excepcional; no seu tempo e no seu meio, foi um revolucionário fecundo, que exerceu uma atração fascinante entre os seus contemporâneos. Como todo o crítico, foi no mesmo tempo necessário e injusto. E, a sorte comum dos críticos, guardou sempre uma nobreza de alma exemplaríssima. Antes inflexível que violento, sabia temporizar a vitória com sereno magnanimidade. — A sua manha alemã (pois era verdadeira manha) e seu exagerado culto criou um mundo novo e desconhecido para a geração dos seus discípulos."

** * *

"Vejante que saiu do seu tempo e que voltou carregado de presentes distribuídos aos seus o que adorava, belas coisas e coisas sem importância, diamantes e lantejoulas entre a roupa e o papel pintado, que o brilhava, que o encantava e que podia encantar os outros."

"No Brasil ninguém dava impressão de igual vitalidade. Havia o visão de Tobias: alguma coisa de superlativo, um integrar de sexo viril, um cheiro de sexual genericidade. Por essa vitalidade excepcional, ele pode ser considerado um gênio."

Balada do marinheiro no fundo do mar

Venho-te possuindo desde séculos atraídos os que partiram,

Tus segredos jamais descobertos pelos que te amam, também para mim não se revelaram, são sempre incôgnitos, mas além da minha vontade, eu te pertenco, moldando que estou à tua felicidade, de justiça e caráter como tu,

No barco de pescador que meu bisavô conduziu, com meu avô uns mares do norte e em outros por onde andou, aquela Escandinávia jamais cognitiva, aprendi a ser seu amante e ficar fascinado pelo seu furor e suas calmas mais cheias de perigo.

Antes meu bisavô, no seu pensamento incerto, tocou contacto com o medo, seu fugir das tempestades, embora todas já sculpiam que um seria o exílio, um ficaria sob a tutela dos equilíbrios.

Esse fui eu, por culpa dos que te temeram, Agora volte para o seu seio, e meu gesto é de arrependida.

Embora esteja em seu seio, cercado por suas seduções, ainda é o mistério, o mistério do tempo, da vida e da morte.

Os desertores sem culpa navegam ao sabor dos teus comandos, mais infelizes que os navegantes porque unguem trás um raro, nenhum estrela serve de guia, nem as bássolas indicam alguma

sendo única direção a do acaso, que é sempre amargo, barco perdido em rumo ignorado, barco perdido, com a promessa de uma tranquilidade bem definida, entre os teus seres, na companhia dos mortos antepassados, em torno dos tesouros ocultos no bojo das águas.

Desde épocas inmemoráveis as esperanças estão multiladas, mas a moda de consolo, promessa de redimir, um dia vai chegar o naufrágio no mar vermelho, nossos teus se juntando, nosso sangue te tingindo, através os motores, aludindo os navios,

os estilhos à ilha das águas, os corpos no fundo do mar, como plantas, como algas, feito peixes, sem aspecto humano, seu aspecto humano porque o martírio já se uniu grande, os motores vão parar, de que modo não sei,

desoladas, inúmeras, no vasto oceano, repousando os homens.

MARIO DA SILVA BRITO

A VIDA DOS LIVROS

SALVADOR DE MENDONÇA -

MUCIO LEÃO

(Da Academia Brasileira)

A figura de Salvador de Mendonça tem ficado sempre em esquema no Brasil. E para isso não deixa de haver certa razão.

Tempo vivido no Rio e em São Paulo durante a adolescência, quando ele se transferiu aos 34 anos para os Estados Unidos, onde foi assumido as funções de consul no Brasil; primeiro, em Baltimore (onde não chegou a estar), depois em Nova York. Até então, não tinha tempo para criar uma obra literária sistemática e perdurável. Pôde, obrigado a trabalhar intensamente para viver, dispersar-se entre o teatro, como professor de matérias secundárias e como membro de atuação política, nas duas capitais. E verdade que publicou algumas poesias, em jornais e revistas. E verdade, também, que se multiplicaram em traduções de livros franceses. E ainda, é verdade que publicaria um romance.

Foi pouca coisa, porém, para dar à sua perfeita de seu talento de escritor.

Idem para os Estados Unidos perdendo o contacto com a sua terra e com a sua gente, abandonou quase completamente a atividade literária. Começou a tratar novas das assuntos pertinentes à economia e à política internacional. E os livros, os discursos, os artigos, durante esse período escreverá, não que regressou ao Brasil, é que, no Rio, o referente à "Verdade Democrática" — é da autoria de Salvador.

Segundo cinco anos depois para os Estados Unidos, ele deixou a atividade efetiva nos jornais. A ela voltaria intensamente, para redigir, no "Crusado" e no "Diário da Baía", crônicas de assuntos americanos, e para publicar, na velejante, nas colunas do "Brasil", do "Jornal do Comércio", do "Imparcial" e do "Século", seus admiráveis artigos de reminiscências paixões, seus estudos contendo análises da situação internacional do Brasil. E dessas colaborações da última fase que lhe nasceram dois livros de documentação predestinados: "O Ajuste de Contas" e a "Situacão Internacional do Brasil". Dessas colaborações lhe ficariam, também, um livro excelente, que ainda não foi publicado — "Coisas do meu tempo".

Mercantil". Entraram no comparimento mais apropriado para esse leitura, e, enquanto Salvador lia, o velho Cesar, que era administrador e caixa da folha, ovia do lado de fora. Quando a leitura acabou, o velho Cesar se dirigiu ao moço jornalista: "Vamos tirar essa arte em forma de folheto, que eu me comprometo a vendê-lo a todos os compradores do 'Correio'". Sairá "como encanha". Salvador concordou — e conseguiu vender dali mil exemplares do seu folheto. Foi o primeiro êxito de seu trabalho.

E no período de 1887 para 1888

que se registra a sua grande atividade no "Ipiranga". A princípio seu companheiro, ali, Cândido de Andrade e Ferreira de Menezes. Um ano depois, porém, é ele o único proprietário da folha, que abriga em suas colunas trabalhos de José Bonifácio, Martin Francisco, Antônio Carlos, Bernardo Galdão e Américo Brasiliense.

Formancinhas em 1889, deixa São Paulo e abandona assim a direção do "Ipiranga". Seu último artigo ali é classificado por Salvador Marinho como "o batismo da propaganda republicana".

Mudando-se para o Rio, Salvador de Mendonça funda pouco depois, com Quintino Bocaiúva, a "República". E, das dois, a redação do "Manifesto de '90", do qual todo um capítulo — o referente à "Verdade Democrática" — é da autoria de Salvador.

Segundo cinco anos depois para os Estados Unidos, ele deixou a atividade efetiva nos jornais. A ela voltaria intensamente, para redigir, no "Crusado" e no "Diário da Baía", crônicas de assuntos americanos, e para publicar, na velejante, nas colunas do "Brasil", do "Jornal do Comércio", do "Imparcial" e do "Século", seus admiráveis artigos de reminiscências paixões, seus estudos contendo análises da situação internacional do Brasil. E dessas colaborações da última fase que lhe nasceram dois livros de documentação predestinados: "O Ajuste de Contas" e a "Situacão Internacional do Brasil". Dessas colaborações lhe ficariam, também, um livro excelente, que ainda não foi publicado — "Coisas do meu tempo".

pertencia Salvador. Esse D. Alvaro d'Óegas, senhor de Calundu,

Lobos e Gurupá, tinha como vi-

nhinhas duas lindas meninas, Be-

ralda e Mariana, filhas de D. Al-

varo, senhor de Caluge. Apaixonou-

-se por Beralda, mas teve a des-

graça de fazer-se amar de Mariana.

Quando as duas irmãs verificaram que estavam vi-

vendo tal drama, tornaram-se mu-

ltiplas infelizes. D. Alvaro também

pôde compreender a infelicidade

de situação em que se encontrava.

E para tanto sofrimento só decidiu

uma saída: despediu-se de

D. Alvaro, de Beralda e de Mariana,

e partiu para uma guerra que

devastava o Sul. Ali morreu, na

batalha de Ituazinho. E a sua for-

ma ele alegou as duas moças

que se fixaram freiras, e a legou

para que elas pudessem fazer al-

gum bem aos desgraçados.

Oh! terra do meu berço e minha

infância!

Ainda alem da morte irá minha

loucura.

— fuz Salvador de Mendonça ex-

clamar ao seu personagem desven-

turado, no momento em que parie

para ir procurar a morte, nos pa-

nes. E essa exclamação parece

bem adequada ao poeta que, vi-

vendo longe da terra natal, nas

grandes cidades maravilhosas dos

Estados Unidos, numero deixou de

ter os seus olhos presos numa cer-

tegação do planeta ainda mais

primitiva... E essa regata, como

ele a descreve amorosa, enterneci-

amente: Vamos, no poema de

"João Caboclo", como é que Sal-

vor de Mendonça vê a floresta

brasileira:

"A mata alumiada era densa e

frondosa.

O ipê de flores de ouro, a canela,

(o pau-rosa,

O cedro perfumoso, a peroba,

(graua,

O roxo guarabá, a esbeta,

(ibima

Erguiam para o céu as frondes

(taitaneiras;

Mas a fronde maior, primeira et-

apa, era primorosa,

Tinha-o o Jequitiba, monarca da

(floresta,

Tão grande e senhoril que com as

nuvens entesta,

Que séculos vivera e gerações

leontara,

As labaredas mil serviam de mol-

(duras,

Outras iam pro ar como cargas

(de obuses,

E compunham em cima os arca-

das em cruzes,

Ergueu-se um furacão, surgiu um

treininho.

Na cabeça do vale, à beira do ca-

linho,

João Caboclo, apoiado a col-

(vara,

Que pusera entre o tronco e a ve-

lha casca,

Abracou os seus cães, o Leão e a

(Leda,

E tirando da cinta a faca larga e

(lombos,

Ali os degolou com dois golpes er-

(lheiros,

Depois, tomado os deuses,

(pois os nos brazeiros,

Depois, polo girou, galgando o va-

(lho trono,

Sobre o pedestal informe, aspere

(e bronca,

Sua obra contemplou, ate que, en-

trou em fumo,

Viu subir em redor a labareda e

(fim,

Novo Laccoste, as serpentes de

(chama,

Vão suferar a dor que na alma

(lhe derrama,

O fero matrizio, e o seu remor-

(o torso,

O seio a lhe rasgar como um bico

(de corvo,

Por trás do Macró Grande em

(meio das colinas

So havia depois escombros e ru-

(nas,

Restos monumentais de sagrados

(recintos

(Continua na pág. 63)

POESIA

Como poeta, Salvador de Mendonça, que parece ter feito a sua formação intelectual nos livros de Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu, é um legítimo continuador dos românticos. Seus versos de mocidade, que se encontram perdidos em velhas coleções de jornais e revistas do Rio e de São Paulo, revelam aquele extenuado e mórbido sentimento (ou falta de sentimentos) que caracterizou (ou descharacterizou) os novos poetas de 1870 a 1880 — exceção talvez única de Castro Alves. Esses poetas do fim do romantismo não faziam mal de que escorrer, em centésimas, o que existia já formado. E, na disposição das rimas (ah! aquelas rimas internas nos mofados descalabros, que eram tão de sabor dos poetas dessa fase!) Salvador foi um representante da causa-síntese antiga dos últimos românticos.

Seria injusto, porém, condenar de forma sumária e completa to-

do a sua produção de poeta. A verdade é que há em seu estro aspectos que o distinguem e cum-

preendem o seu poeta que, vivendo longe da terra natal, nas grandes cidades maravilhosas dos Estados Unidos, numero deixou de

formação da "mão" do país.

Esse gosto por uma poesia inspirada em puras fontes brasileiras foi constante em Salvador de Mendonça. E ele o revelará toda vez que regressar à poesia.

Sus "Lendas de Serra e da Bahia", das quais temos duas publicadas na "Revista da Academia" — "As Freiras do Caluge" e "João Caboclo" — são altamente penetradas desse mesmo sentimento brasileiro. A primeira encerra a história de D. Alvaro d'Óegas, aparentado com os Drummonds, família a que

pertencia Salvador. Esse D. Alvaro d'Óegas, senhor de Calundu, Lobos e Gurupá, tinha como vi-

nhinhas duas lindas meninas, Beralda e Mariana, filhas de D. Al-

varo, senhor de Caluge. Apaixonou-

-se por Beralda, mas teve a des-

graça de fazer-se amar de Mariana.

Quando as duas irmãs verificaram que estavam vivendo

o tronco em redor a serra,

Diram-no seu porte e a velha

cançaria.

Que do tronco em redor a serra

aproxima

DOIS POEMAS DO MAR



11

Na morna penumbra de teus olhos
Eu sinto a noite se inclinar
E ouço as cantigas antigas
Do mar.

Nos frios espaços de teus braços
Eu me perco em carícias de água
E durmo escutando em vão
O silêncio.

E anseio em teu misterioso seio
Na atonia das ondas redondas
Náufrago entregue ao fluxo forte
Da morte.

Na praia de coisas brancas
Abrem-se às ondas catives
Conchas brancas, coxas brancas
Aguas-vivas.

Aos mergulhadores do bando
Afloram perspectivas
Redondas, se aglutinando
Volutivas.

E as ondas de pontas roxas
Vão e vêm, verdes e esquivas
Vagabundas, como frouxas
Entre vivas!

VINICIUS DE MORAES

(Continuação da página 49)
espíos, alismar-se a-lá-par na
ordem dos fatos concretos.

Advogado durante cerca de quarenta anos Inglês de Sousa não conheceu a estreiteza secreta da inteligência profissional. Uma das vantagens dessa profissão, disse, fazendo a advogados, o presidente da República francesa, Raymond Poincaré, está em oferecer aos que a adoram uma tarefa social sem lhes restringir o horizonte do pensamento. Todavia, de que intimidade expansibilidade não havia mistério cada dia do espírito, afim de reagir contra o automatismo invasor que, pela repetição das fórmulas do processo, dos estilos forenses, tende fatalmente a encarcerá-los e abrindo-lhe a elasticidade, a energias da vontade e a isolado ofício, não há dúvida, desde que praticado com dedicação e funda competência do devoir, importa certa uniformidade de movimentos e uma correlativa incapacidade de adaptação a novos ritmos. No caso do ilustre paranaense é de crer já lá circulasse na organização muita seiva generosa antes daquela com que os estudos morais costumam fecundar a nossa vida interior e a cujo efeito nutritivo se desenvolve no homem o interesse pelas causas que o libertam do pequeno círculo das preoccupações rasteiras, materiais e egoísticas. A advocacia não foi para ele o ato quase maquinial que se passa entre a banca e o fórum, entre a clientela e o mundo judiciário; não foi a rotina lucrativa que centraliza as energias da vontade e assola numa laboriosidade não isenta de desejo. Ela não privou do convívio nobilitante dos belos ideais; tão pouco lhe afrouxou a austerdade ou diminuiu a tensão nos scrupulos com que discernia as causas propostas no seu patrocínio. O caudilho admirado pelo talento e a proficiência, ainda mais porventura, conheceu certas oposições, an-

te se impunha pela ética irrepreensível. Da advocacia, tão largamente exercida, desde o consulório em Santos até o Rio, onde se estabeleceu com a fundação da República, havia ele de tirar elementos para uma alta reputação, que veio a culminar, por saber, moralidade e conciência, na forma do Jurisconsulto. Os frutos ótimos da sua cultura e prática do direito recolhem-se o país, a sociedade, a ciência, a instrução superior: foram os sabios ensinamentos do catedrático da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro; foi a sua presidência do Instituto dos Advogados; a colaboração nos Congressos Jurídicos e no Congresso Pan-Americano; os luminosos pareceres e razoados produzidos perante os tribunais; a sua contribuição para a reforma do processo ordinário e sumário; são as obras com que enriqueceram nossa literatura jurídica, notadamente "Títulos ao Portador", pelos competentes considera clássica, e estoura "obra monumental" que é para parecer unílimo dos seus pares da Câmara dos Deputados o projeto de Código Commercial. Só este projeto, disse a tribuna uma vez autorizada, basta para que a memória do autor "permaneça vivida entre os cultores do direito e hermemérita na pátria a que ele bem serviu como político, como jurista e como homem".

Sob o aspecto intelectual e de ação, ainda outras formas assumem a descomunal carater de Inglês de Sousa. O seu renascimento obstraiendo dos mesmos tráficos e roturas nacionais, trouxe desorganizar outras esferas, onde atuava e tanto mal se comovia quanto eram esferas concretíssimas do direito. No círculo máximo de que vinha que a política é de fato uma das forças em que se lhe decompõe a proficiência, atividade, Caráter equilibrado, des-

tes lógicas que naturais: que discriminam os espíritos teóricos e os espíritos práticos, e outras que interditam apoiar ante o altar a peleza aquelas que se aliam na milícia da verdade. Mais plástica, mais comprensiva e humana é a sua natureza. Nos jardins de Cipião, em algumas daquelas conversações que enchiham de graça e luzes de sabedoria as fóreas latinas, e onde sob a forma de amena controvérsia manifestavam os eternos conflitos do real e do ideal, ele poderia conciliar os pontos de vista de Philus e de Larthius, este preconizando como o estudo mais digno do homem "as ciências que nos fazem utéis à República", aquele pugnando por que não renunciemos às "verdades sublimes", neste "universo que os deuses nos deram por morada". Na tolerância do seu temperamento neutralizam-se, fundem-se todos os antagonismos, e deixam de alterar tendências e qualidades que um arraigado preconceito separou em antinomias necessárias.

São sem conta as vítimas do erro, da ilusão e da perplexidade na escolha do caminho para o éxito. Inúmeros são os loucos, como lhes chamou Marco Aurélio, que fatigam a vida em ações sem escopo definido. Lamentável, sobretudo, aqueles que, atormentados pela curiosidade metafísica de certos problemas humanos, esboçam apena nas na consciência assustadiva vagos desejos e aspirações sem finalidade. A sociedade abreia em seu seio muitas dessas atividades sem órbita. Afóra o que deves utilizar o instinto da conservação, não se sabe o que outros fins se sollicitam de veras, porque andam de experiência tornando de rumos que parecem bem encetados, acenham funções para que não são idênticas, arrostando empresas que muitas más vidas devoraram. A concorrência de objetivos, em

Uma velha página de Alcides Maya

Num velho número de "Carreta", o sr. Alcides Maya, que ajuda no mesmo salto invariavelmente a sua colaboração inquieta, publicara uma página de admirável valor artístico, intitulado "Reticências...", que depois recolheu a um dos seus volumes de crônicas. Entre velhos papéis, encontramos, agora, amarelecida pelo tempo, essa página, que a nossa admiração nos fizera guardar. Damos-la aqui, com prazer, para que o leitor também se deleite na magia dessa página de um dos mais brilhantes mestres da nossa prosa atual.

Eis a página do sr. Alcides Maya:

RETIÇENCIAS...

— Linha da vida, linha do amor, ei-las aqui, Senhora... Na sede viva e rústica desta pomba, o Destino gravou indelevel o vosso caminho.

Eu vo-lo direi, a linda ducha...

Vede a truncatura deste itaco e num terço de poligrama um abismo baute. A paixão e um sorriso e via, Senhora, recorre ao fim, gloriosamente proximo dos vossos dous, que terminarão com a mortalidade, a vida integral do instinto vitorioso.

Amai, sempre amastes, amares sempre. Sois turvo, mas sincera no amor. O amor e a lei que vos regula a existencia...

Divergentes na aparência, os

dous traços que apontam remota o princípio e o fim das vossas sonhos. Este desaparece a vossa, radicado em decíduos, aquele nasce e morre a diária, estando num pequeno labirinto de esperanças. Entre umas e outras tendes vivido, a todas deliciosamente presa pelo incontido indicável da Ação sombria, e também dela misteriosa, alegria de vida na dor, ambições o nosso jado...

Mas, nos videntes não cegará nunca a disparidade superficial destes rumos. As lindas opostas que a viva vida percorre formam um círculo ideal. O centro é a vossa alma, Senhora...

O derradeiro amor será o primeiro auor: eis o que dizia os cavaleiros esparsos, uns claros, uns desenhos latidos oleados à minha voz.

Porque a vossa que fazia nos vossos olhos negros, não negros que podem ser brancos na frente e porque o vencez que vos ruboriza de maluca e labios corvinhas, como peças conquistadas de rosas?

Aqui, Senhora, neste círculo macio de carne, orde e beleza a Deseo. E a orla encantada de Salavanda, não a bosque de Venus.

Que ursoz empregar suas elícices à sagrada leitura da sorte!

A Grécia idealizou a beleza perfeita —, porém mudou os critérios do belo. A sua beleza é objetiva, a sua forma é a terra, a sua arte é o respeito do céu, das origens, das essências...

Não; a linda-dicha é do Oriente e as suas sacerdotisas brenhas, essas rudes ciganas que guardam nas pupilas o calidez da noite e conservam na terra a saudade dos sois do deserto, bem sabem de onde lhes vem o estro infantil...

Sóis da raça de cícel, em roupas veras lata, estás e vestida a Grande Flama. Mocinha macilenta por isso e morena sem sentir. O vosso alinhamento será como a cintilação do brusco que decora as infusas verdes do lento vau do voo... Depois, noutra cintura, seres siffo, maja, goma...

E' a chama que atoen e consumiu o amor entre os humanos a preparadora das naivezas incorruptíveis e frías das cores superiores...

Mais tarde, talvez, Senhora, os iniciados supremos e os arados poetas (que são quase invidados) vos invocuem sobre um kameche de neblina, assim: "no eu vos invoco hoje na sublância de fogo, no poeta vós que resumis e concentrais..."

Direis agora: — Esta não é em verdade, a buena-dicha das ruas...

— Não; é a buena-dicha de um poeta, Senhora.

Ensinou-lha numa hora inaudita a lada que inspira a Razié, a que não tinha cor, fosse era toda de luz, a que nascia se entregou a ninguém, fosse a todos sempre onimoda subindo, a que ainda não existe e é a maior de todas as fadas...

GUYS

(Continua na página 64)

Variações sobre um mito

ONESTALDO DE PENNAFORT

DE todos os mitos que tem embalado a imaginação dos homens, nenhum mais consolador do que essa imagem de um químérico país onde a vida corre feita e descuidada — onde tudo é belo, harmonioso e gratuito.

Por isso mesmo, nenhum outro tema tem inspirado tanto e com tanta felicidade aos poetas e aos artistas em geral. E' que nem bem nenhum outro corresponde tão diretamente à nossa condição presente de sonho, de esquecimento e de evasão da realidade dolorosa, como a ideia desse eden abstrato e arbitrário, onde cada qual pode situar, a seu bel prazer, tudo aquilo que lhe pareça constituir a ventura.

Sonhar ainda é a melhor forma de viver a realidade. E a verdadeira sabedoria talvez consista, não em se saber transformar o sonho em realidade, mas em realidade em sonho.

Se a vida é má, se a sua vulgaridade nos desvasta, parlamos então de onde a nossa imaginação nos diz existir outro mundo melhor e mais belo. Fazemos todos como nos acusava Mallarmé:

Fui! là-bas fuir! Je sens que des oiseaux sont libres d'être parmi l'économie et les cieux!
Je partrai! Steamer balançant ta maturé, leve l'ancre pour une exotique nature!

Por uma associação muito explicável do nosso espírito, diante do mar é que mais se torna imperioso em nós esse desejo de "vibrar, de transpor os limites do conhecido, de mergulhar 'au fond de l'inconnu pour trouver du nouveau".

O mar já me tentou; aspirações fogosas
inserem-me ideias fantásticas vingosas.

— Gonçalves Crespo. E Paul Valéry: "Dois idéias muito similares e como que em estado de nuzer, nascem da onda e do espírito. Uma, de fugir; fugir por fugir — ideia que engendra uma estranha impulsão do horizonte, um saito virtual para o longo, uma expectativa de vairão ou de instinto cego da partida. O arre cheiro do mar o vento salvado que nos dá a sensação de respiarmos a distância, a confusão colorida e movimentada dos portos, comunicam uma inquietação maravilhosa. A outra idéia e talvez causa profunda da primeira. Não se pode desejar tanto quanto aquela que recomeca. A repetição infinita, a brutal determinação obstinada, o cheque minuano e o estribilho idêntico das ondas marinhando sem repousos nos limites do mar, inspiram a alma, fatigada de prever seu ritmo incerteza, a noção obscura do 'eterno retorno'. Mas no mundo das idéias, o sonho não perturba o poder: a poderosa e insuportável impressão de um eterno reconhecer se transforma em desejo furioso de romper o ciclo eternamente futuro, aquela uma sede de espumas desconhecidas, de tempo virgem e de acontecimentos infinitamente variados."

* * *

Mas esse país encantado e misterioso, cuja imagem enriquece o fabulário de todos os tempos, desde a Idade Média (para não remontar à página solene e trágica que é a caravana dos hebreus, através do deserto, em busca da canção dos seus salmos, cujo canto se prolonga na concepção paradisíaca do cristianismo, segundo a qual o céu é também um país de cunhamos de bermunturas eternas), — tem tido as mais variadas denominações, através dos tempos.

E o país de "Cocagne" das franceses, cujo nome, conforme suggere, se formou, não do napoitanico "cucagna", nem do provençal "cocanha", mas do epíteto de Lauvages, no alto Lanquedoc, advindo de enorme quantidade de "coques" de pastel que ali se preparava e cujo comércio enriqueceu toda aquela região.

Para Boccacio, chamou-se esse país fabuloso a terra de "Bengodi", paraiso de glutões onde "si le rigne con le salicce", como antes se chamará "Panchata", para Vergili, e "Atântida", para Plínio.

Com a descoberta do novo mundo, porém, passou a se chamar "El-dorado", fictício eden terrestre em que, pela abundância do ouro existente nada custava dinheiro — e onde tanta cunha espantou e maravilhou o bom Cândide, que, como Espírito, era "doux et affable à tout le monde".

A "Ilha dos Amores", — gracioso friso erótico que borda a ação heróica de "Os Lusíadas" — é outro país de delícias para onde a nossa imaginação se compraz em nos transportar e, segundo João Ribeiro, o mais belo e portentoso dos países fabulosos.

* * *

O maior poeta da França do século XVIII, que era, para os Goncourt, o pintor Antoine Watteau, foi o primeiro a tratar, pictoricamente, de modo intencional, esse tema de todos os tempos e que é eterno porque é profundamente humano. Quem não conhecer o seu célebre quadro "O Embargo para Cíclero" — vulgarizado pela gravura, — obra que comunica uma estranha sugestão de sonho e que pinta a partida de químicos perigrinos para esse outra terra ideal da ventura e do amor, que é a mitológica Ilha de Venus?

"Dante desse quadro, — diz Maupin — não sabemos onde nos encontramos; é verdadeiramente o país da quimera, foro do tempo e do espaço. Dessa série de figuras que se nos apresentam de costas ou de três quartos, umas se quedam pensativas, como suspensas; outras se abraçam com gestos indecisos; outras descem ao fundo, voltando a cabeça, como sandálias de uma viúva. E' sem clamores que se dirigem para a valera dourada que as levárá para a ilha encantada. E dessa ilha, que sabemos não? E' lá que está a felicidade?"

A propria atmosfera de malancolia difusa e de ansiosos vapores que se exala dessa tela, é já uma preparação para um extraviar da fantasia...

Aíuns, predecessor, de certo modo, de Watteau, no transportar para a tela, e com o mesmo rago misterioso, a imagem de um país fora do tempo e da realidade, onde a vida é um "dóce far niente", uma partida de desfrutarse, foi o mestre Giorgione, com o seu famoso quadro "Concerto Campesino", cujas personagens, em alegre e graciosa colina, que dominam uma paisagem feita "à propos", junto de um velho pôlo se ocupam em tocar deliciosos instrumentos, ou em ouvir, distraidos, o ruído dâmnio a cair de um cártyo que se enche e se despeja indefinidamente na cisterna. Tão desculpidas e fora do

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página 55)
gerava no homem o vago desejo de abandonar a vida para abraçar a natureza e confundir-se com o seu autor na imensidão" (Cf. Faguet: "Etudes littéraires sur le XIX siècle; V. Delaprade: Le sentiment de la nature chez les modernes").

A arte do dr. Inglez de Souza como romancista é simples e a fatura dos seus livros distingue-a de pretensão.

O sistema de narrar por ele adotado resulta de uma feliz combinação da "maneira" de E. Zola com a de P. Bourget.

Como todos sabem, o autor do Assomar não discorre, nem se ocupa em descrever estados da alma. O seu processo cifra-se em indicar o caráter dos personagens pelas manifestações exteriores como se se tratasse de um drama posto no teatro, tudo isto por meio de épocas sucessivas, sem referências nem explicações, cujos hintos são preenchidos pelo espírito do leitor. P. Bourget, num sentido oposto, desprezando as épocas, faz realçar o drama explorando e explicando os estados da alma, em sua sucessão, de cada um dos personagens e completando-os pelo diálogo.

Pois bem, o autor do Missiarine funde os dois processos. Dispõe convenientemente as épocas, depois de escolhidas as situações, e liga-as por meio de recapitulações que se estampam, a título de análises patológicas, no espírito de cada personagem.

Penso que o processo não provou mal, e que, aperfeiçoado, poderá excluir dos livros, que o aceitarem, a rigidez da narracão zolesta, e ao mesmo tempo a subtilza cansativa dos relatos de Bourget.

* * *

O futuro do romance brasileiro está nas mãos de alguns cultores de grande talento que apresentam aptidões diversas. O dr. Inglez de Souza, conquanto não se pareça com nenhum deles, tem incontestavelmente direito a sentar-se entre os mestres dos que surgem; e se me é agradável declarar que entre os primeiros romancistas avultam Aluízio Azevedo, o mais apurado discípulo de Zola no Brasil, Raul Pompeia, o primoroso estilista e psicólogo do Ateneu, e Coelho Neto, o sobressaltado fantasista do "Rei Fantasma", ainda mais agradável ser-me-lá colocar ao seu lado como um rival, seguro do lugar que lhe compete na literatura nacional, o escritor modesto que ilustrou a interessante e imprecável figura do vigário de Silves.

* * *

NOTÍCIAS LITERÁRIAS | CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES

1 — A Livraria Martins, de S. Paulo, vai publicar uma grande história do Brasil em várias volumes. A comissão por ela designada para dirigir os trabalhos é composta dos sr. Rodolfo Garcia, Afonso Taunay, Gilberto Freyre, Rubens Boni de Moraes, Luiz Camilo de Oliveira, Sérgio Buarque de Holanda e Afonso Arinos de Melo Franco. Outras escritoras estão sendo consideradas para tomar parte na obra, sendo que já estão designadas as seguintes lauretas: Afonso Taunay estudará a expansão geográfica; Rodolfo Garcia, o movimento do litoral; Jaime Correia, as principais explorações da costa; Gilberto Freyre, a história social; Olavo Tanquino, a crise da autoridade monárquica na região; Luiz Camilo, as Ilhas e os Quintos do Ouro; Sérgio Buarque de Holanda, o contato entre portugueses e espanhóis; Nelson Verney Sodré, o Império, etc.

2 — O sr. Afrânio Peixoto foi jubilado em sua cadeira de professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil.

3 — O escritor paulista Viana Moog, autor de "Um Rio corre para o Reno" e de tantas livrarias que tecem elogios, é o ganhador do prêmio da Escola da História e Crítica que tem sido oferecido anualmente pelo Ministério da Educação. O segundo é a coleção de contos "Histórias da História Pátria". O terceiro livro, que o brilhante escritor está elaborando, é uma "História do Brasil" para o curso secundário. Esses dois últimos livros devem sair na Companhia Editora Nacional.

4 — O sr. José Monteiro tem em elaboração um livro sobre Aluísio

Azevedo que, a imaginar das pesquisas e dos estudos feitos pelo jovem erílio maranhense, deverá ser uma obra de real valor.

5 — O escritor paulista Cecílio J. Carneiro encontra-se atualmente em Michigan, nos Estados Unidos, depois de ter recebido, em Nova York, o prêmio que lhe coube como um dos escritores sul-americanos laureados no grande concurso que ali se realizou por iniciativa da firma Rinchart Brothers. O nosso patrício já remeteu as originais do seu romance premiado, que se intitula "Foguelha", para a Livraria José Olympio.

Tendo estado em Washington, o Cecílio J. Carneiro encarregado pela União Pan-Americana de rotular dos mais notáveis escritores brasileiros dossiês biográficos e obras para aquela instituição. O encarregado para essas remessas é Angel Flores. — Pan American Union — Washington, D. C.

6 — O sr. Viriato Correia está a publicar três livros. O primeiro é o seu "Préndentes", a peça de teatro que tanto êxito obteve há algum tempo. Sairá como edição oficial do Ministério da Educação. O segundo é a coleção de contos "Histórias da História Pátria". O terceiro livro, que o brilhante escritor está elaborando, é uma "História do Brasil" para o curso secundário. Esses dois últimos livros devem sair na Companhia Editora Nacional.

Carta de Inglez de Souza a Afonso Celso.

Rio, 25 de dezembro de 1912
Exmo. Amigo Sr. Conde de Afonso Celso

Não sei como posso agradecer ao meu querido amigo e colega os numerosos conhecidos que, sobre a minha pessoa e o meu trabalho do Projeto do Código Comercial e do direito Privado, emitiu em seu belo artigo do "Jornal do Brasil" de hoje.

A simplicidade com que sempre me honrou explica melhor tais comentários do que a mérito real que possuem ter o autor e o obra. Por isso mesmo mais me penhorou o seu artigo que, dadas a sua alta capacidade e competência no assunto, é uma verdadeira encyclopédia com que deverei considerá-la.

Quero aceitar a segurança do meu profundo reconhecimento. Aproveito o ensejo para com os meus saudar a meu ilustre amigo e colega e à sua Exma. Família, desejando-lhe muita boas festas e excelentes entradas no ano futuro. Creia-me com a mais elevada estimão e consideração.

Seu admirador colega e amigo
Orão.

INGLEZ DE SOUZA

PARA A HISTÓRIA DA ACADEMIA

Em 1893, por ocasião da revolta da esquadra, Salvador de Mendonça, que era ministro do Brasil em Washington, manteve uma absoluta solidariedade com o governo constituido de Floriano Peixoto. De outro lado estava Saldanha da Gama — dos seus mais dileitos amigos — circunstância que em nada o fez mudar de atitude.

Nessa ocasião, Ramiz Galvão, estreitamente ligado a Saldanha, rompeu com Salvador de Mendonça. E, pela "Gazeta de Notícias", de onde era redator, vivamente apregou o nosso ministro nos Estados Unidos.

Passaram-se os tempos, até que, em 1912, vivendo Salvador de Mendonça no Rio, como apresentado da diplomacia, se deu na Academia Brasileira a vaga do Barão do Rio Branco. Um grupo de acadêmicos indicou num memorável gesto, à Ilustra Vaga, o nome de Ramiz Galvão. Surgiu, depois, em contraposição à candidatura do insigne helênista, a candidatura de Laurindo Muller, que era ministro das Relações Exteriores.

No entanto estar, havia tanto tempo, de relações cortadas com Ramiz Galvão, Salvador tomou a palavra na Academia e vivamente defendeu a sua candidatura.

Essa atitude comoveu fundamentalmente Ramiz Galvão, que escreveu a Salvador de Mendonça uma carta de extrema gratidão. Salvador respondeu-nos a carta, de simpatia e reconhecimento.

São as duas cartas trocadas naquela ocasião que hoje temos

oportunidade de reproduzir da esquadra, Salvador de aqui.

Eis os dois interessantíssimos documentos literários:

Rio, 16 de Setembro de 1912.
Exmo. Sr. Salvador de Men-

donça.

Não se tendo jamais oferecido ocasião de penitenciar-me perante V. Excia. por um erro, que em hora de paixão cometí hz 18 anos, aproveitei o encargo atual para vir solicitar-lhe o esquecimento dessa página da nossa vida.

V. Excia. foi ofendido por diuturnas injúias que fiz à sua pessoa em 1893 pelas colunas da "Gazeta de Notícias"; cedi então a um momento inconsiderado, aceitando por verdadeiras as acusações do malévolo jornalista périfida, quando naquele tempo de lutas políticas angustiosas, a paixão não permitiu ver claro e consentiu que se desenigrasse nomes dos mais dignos da nossa Pátria.

Muita vez tive remorsos dessa fraqueza, a que não resisti, e para lhe falar com absoluta sinceridade, maiores ainda me assaltam agora, ao ver a unanimidade de sua atitude em relação à minha candidatura à Academia de Letras.

Diane-se o Ilustre patrício de acelar os protestos da minha admiração e, a um tempo, do profundo reconhecimento que lhe devo pelas palavras cauchelinas, com que me horrificou na sessão de 14.

O seu voto valeu-me por uma eleição; só com ele lá fêria bastante para alentá-lo no insucesso da candidatura, se acaso

este fato pudesse produzir-me datura à Academia Brasileira, qualquer desgosto ou contrariedade, nas condições em que o em mim desperta sempre esse sentimento, vejo agora que magnifica recompensa está reservada aos que sabem cumprir o seu dever em toda e qualquer emergência.

Desta pleito podemos dizer facilmente que saímos todos com grande lucro: meu conspiroca antagonista e seus admiradores, porque coheriram as laurus do triunfo; V. Excia., porque conquistou, perante os que ainda o não conheciam, um lugar de honra entre as almas nobres; os outros dignos Acadêmicos, que sufragaram meu humilde nome, porque bem ou mal inspirados procuraram firmeza de convicções, — virtude sempre digna de aplausos; eu finalmente, porque mereci o voto de tantos homens ilustres, — motivo de real desvanecimento, que não poderei esquecer e com o qual me dou por amplamente satisfeito.

Quanto a V. Excia. quero crer que a minha contínua lógica e espontânea será suficiente para apagar qualquer ressentimento, que por ventura lhe causasse o triste caso de 1893. Espero-o de sua alma boa e generosa, e só com este fruto me dará por vencedor na conten-

da.

Sou com a maior consideração
Ao N. Excia.
Admir. mto. orato

RAMIZ GALVÃO.

268, rua Marques de S. Vi-

cente.

22 de Setembro de 1912.

Meu velho e prezado Amigo

Ramiz Galvão.

Se por mero sentimento de

justiça propugnei a sua candi-

O rompimento e a reconciliação de Ramiz Galvão e Salvador de Mendonça

sentinela da República em Washington perdi a sua amizade e a de outro amigo não menos caro, o nosso Luiz. Sinto que com a sua amizade recuso a dele cuja memória foi sempre para mim uma memória sagrada. Esperando a breve leitura em um abraço a expressão do meu reconhecimento de nobreza de alma que transparece de sua carta a que valentes não podem responder.

Creia-me com a maior sinceridade.

Seu velho amigo e admirador

SALVADOR DE MENDONÇA.

Carlos de Laet

A Associação dos Jornalistas Católicos foi fundada, em

retiro de Carlos de Laet. Foi

uma iniciativa eclesiástica

do jornalismo brasileiro, um clausurado que mais altamente encarna

o profissional da pena em nosso país.

Carlos de Laet — Carlos Maximiliano Plimetta de Laet — nascera

na capital, em 3 de outubro de 1874.

Embora tenha sido professor

de teologia, o que ele fez

essencialmente, o que ele foi

adequadamente, foi escritor, ou, mais

apropriadamente, falando, foi a jorna-

lística.

Tendo iniciado sua carreira de journalista em 1895, prolongou-a até

1927 quando — no dia 3 de Dezem-

bro — veio a falecer, tendo

em seu gabinete, suas roupas e

um leito, quase sem ter parado um

momento de escrever! E tudo isso escritural

magistralmente, numa forma que é

um primor, que o equipara aos mais

perfeitos escritores do Brasil, ou de

Portugal, e defendendo ideias sempre

bonitas, ideias que, embora muitas

vezes não concordem com elas, sempre

forçadas a reconhecer que se impre-

avam num vivo sentimento de amor

da pátria. Essa obra considerável,

que, reunida em volumes, daria uma

verdadeira biblioteca. Laet já

publicou em versos deixando-lhe

versais, nas páginas clandestinas ou

juradas. Baratinha os livros que o

conhecem delle as suas "Poesias",

de 1923; a sua "Descoberta do Brasil", de 1925; a sua "Antologia Nacional", feita em colaboração com

Mário Barreto; a sua "Um Miss-

ão".

Conhecemos, igualmente, a sua "Im-

aginação Cândida", aparecida em 1927.

Logo depois da sua morte, faleceu

de um farto leito em que está enver-

gada a vigorosa polêmica que, a pro-

pósito de Facundino Varela, levou

entre Camilo Castelo Branco, seu

irmão e dois amigos de sua idade.

Tudo isso é pouco, é muito mesmo

pouco, para quem deixou uma obra

tão vasta, tão considerável como

o seu constante.

É claro que grande parte das

obras de Carlos de Laet tinham

caráter por demais pessoal,猛烈的

em que denunciavam os horrores

de um mundo que desejavam

abrir para si, tal tentativa de

salvo-panteletário. Mas, excluindo

essa parte dos artigos de Laet, que

peça por demais pessoal, quanto

e quantos trabalhos de indole inter-

pretativa que possivelmente

eram feitos para a realização de

seus artigos de pura crítica literária,

é de negar que permanecem manuscritos

nossas páginas os jornais em que Laet

colaborava e nos quais podia ser feita

uma seleção preciosissima de seu tra-

tes.

A homenagem que prestou ao gran-

de Carlos de Laet é das boas

que fazem para a realização de um

trabalho em conjunto, feito por vár-

ios amigos de sua memória

— trabalhos que consistem em mar-

gares deles, em uns vinte ou trinta

volumes encadernados, a flor do pensa-

mento e da arte de escrever desse

príncipe de nossas letras.



Conhecemos, igualmente, a sua "Im-

aginação Cândida", aparecida em 1927.

Logo depois da sua morte, faleceu

de um farto leito em que está enver-

gada a vigorosa polêmica que, a pro-

pósito de Facundino Varela, levou

entre Camilo Castelo Branco, seu

irmão e dois amigos de sua idade.

Tudo isso é pouco, é muito mesmo

pouco, para quem deixou uma obra

tão vasta, tão considerável como

o seu constante.

É claro que grande parte das

obras de Carlos de Laet tinham

caráter por demais pessoal,猛烈的

em que denunciavam os horrores

de um mundo que desejavam

abrir para si, tal tentativa de

salvo-panteletário. Mas, excluindo

essa parte dos artigos de Laet, que

peça por demais pessoal, quanto

e quantos trabalhos de indole inter-

pretativa que possivelmente

eram feitos para a realização de

seus artigos de pura crítica literária,

é de negar que permanecem manuscritos

nossas páginas os jornais em que Laet

colaborava e nos quais podia ser feita

uma seleção preciosissima de seu tra-

tes.

A homenagem que prestou ao gran-

de Carlos de Laet é das boas

que fazem para a realização de um

trabalho em conjunto, feito por vár-

ios amigos de sua memória

— trabalhos que consistem em mar-

gares deles, em uns vinte ou trinta

volumes encadernados, a flor do pensa-

mento e da arte de escrever desse

príncipe de nossas letras.



Conhecemos, igualmente, a sua "Im-

aginação Cândida", aparecida em 1927.

Logo depois da sua morte, faleceu

de um farto leito em que está enver-

gada a vigorosa polêmica que, a pro-

pósito de Facundino Varela, levou

entre Camilo Castelo Branco, seu

irmão e dois amigos de sua idade.

Tudo isso é pouco, é muito mesmo

pouco, para quem deixou uma obra

tão vasta, tão considerável como

o seu constante.

É claro que grande parte das

obras de Carlos de Laet tinham

caráter por demais pessoal,猛烈的

em que denunciavam os horrores

de um mundo que desejavam

abrir para si, tal tentativa de

salvo-panteletário. Mas, excluindo

essa parte dos artigos de Laet, que

peça por demais pessoal, quanto

e quantos trabalhos de indole inter-

pretativa que possivelmente

eram feitos para a realização de

seus artigos de pura crítica literária,

é de negar que permanecem manuscritos

nossas páginas os jornais em que Laet

colaborava e nos quais podia ser feita

uma seleção preciosissima de seu tra-

tes.

A homenagem que prestou ao gran-

de Carlos de Laet é das boas

que fazem para a realização de um

trabalho em conjunto, feito por vár-

ios amigos de sua memória

— trabalhos que consistem em mar-

gares deles, em uns vinte ou trinta

volumes encadernados, a flor do pensa-

mento e da arte de escrever desse

príncipe de nossas letras.



Conhecemos, igualmente, a sua "Im-

aginação Cândida", aparecida em 1927.

Logo depois da sua morte, faleceu

de um farto leito em que está enver-

gada a vigorosa polêmica que, a pro-

pósito de Facundino Varela, levou

entre Camilo Castelo Branco, seu

irmão e dois amigos de sua idade.

Tudo isso é pouco, é muito mesmo

pouco, para quem deixou uma obra

tão vasta, tão considerável como

o seu constante.

É claro que grande parte das

obras de Carlos de Laet tinham

caráter por demais pessoal,猛烈的

em que denunciavam os horrores

de um mundo que desejavam

abrir para si, tal tentativa de

salvo-panteletário. Mas, excluindo

essa parte dos artigos de Laet, que

peça por demais pessoal, quanto

e quantos trabalhos de indole inter-

pretativa que possivelmente

eram feitos para a realização de

seus artigos de pura crítica literária,

é de negar que permanecem manuscritos

nossas páginas os jornais em que Laet

colaborava e nos quais podia ser feita

uma seleção preciosissima de seu tra-

tes.

A homenagem que prestou ao gran-

de Carlos de Laet é das boas

que fazem para a realização de um

trabalho em conjunto, feito por vár-

ios amigos de sua memória

— trabalhos que consistem em mar-

gares deles, em uns vinte ou trinta

volumes encadernados, a flor do pensa-

mento e da arte de escrever desse

príncipe de nossas letras.



PÁGINAS DOS AUTORES MORTOS

OS NOSSOS NOMES

PROPOSTA

Quando me batizaram, Arthur Nogueira convidava a dar condecoração de paisas em Lisboa e a fama do prestígio precoce e o alumbramento da esperada criança atravessava da Almada e vinha oferecer no Gabinete para todos os patentes.

— Ah, mas, que é português e admiro assim sincero de todos os grandes homens ir crianças de sua parte, assim-me o nome de Arthur, assim-e-se com a esperança de faze-las se assim também um plântio a mim mesmo. Pobre esperança, se estivesse hoje! Com 23 anos de idade, apenas sei executar na publicação de "Relatório da medicina pedagógica de Regoletti" (Lisboa, 1871), e com um dedo só.

Espero que sou o primeiro matemático que se chama Arthur que nasceu, todos os que conhecem com tal nome nasceram de 1853 para cá; são, portanto, mais próximos do que eu.

O meu nome foi, para mim, obter-me grandes alegrias.

— Pois os achavam bonito, eufônico, romântico, sobretudo romântico. Arthur nascera a 16 de junho de 1853, em São Paulo, portanto, mais próximos do que eu.

Muito satisfeita fiquei um dia em que minha mãe mostrou-me uma revista (lembro-me da revista de Ponson du Terrail) a passarem em que o autor dizia que os Arturias deviam mudar de nome, das quarenta atos.

— Ei, é ainda um ameaço a você e a tutto o mundo de sejas de vez em terra nome impresso.

— Embora-me perturbasse que errei e lhe perguntou a um inspetor de imprensa que tinha ido a casa de meu pai, hincar a lista de livros, que ia deixara aí umas dezenas de poemas escritas nos respectivos clipes.

— Isso é um ameaço?

— E de fato, desse dia em diante, além todas as manhãs o Pe. Antônio Marquesense.

— Aconselhou-me desobrigar, entre os livros paternos, uma comédia intitulada "Arthur", e trancá-la sempre comigo, e lá, e relia o título, só e tudo!

— Parece-me que aquele Arthur era eu.

— Um dia contei o Arthur do frontespício da comédia e grudei-o na primeira página do D. João de Castro, que era o livro que eu dava na escola.

— E mostrava-o, vaidoso, aos meus amigos.

No dia seguinte quase todos elas tinham também o seu nome impresso a frente de seus livros, porque o processo que eu inventaria. Por sinal que um, chamado, se não me engano, Alcebiades, chorou muito porque em vila procurava um ALCEBIADES em leitura redonda.

O dia seguinte ao em que precisei meu exame de primeiros letres foi o mais feliz de minha vida... o mais feliz, relativamente, não pela aprovação que alcançaria, mas por ter sido o meu nome publicado, e por extenso: o meu nome todo! Sim, sim, todo! Com todas as suas letras, que, naquele tempo, eram trinta e três: Arthur Nabantino Gonçalves de Azevedo e hoje estão reduzidas a treze: Arthur Azevedo.

O meu nome estava, finalmente, impresso em todos os periódicos! Estava impresso dez mil vezes, pelo menos! Dez mil!

Não podia ter sido cortado e

guardado em dez mil folhas! Era o meu próprio nome!

Eu andava com as folhas nas agulhas, mostrava-as a toda a gente e, quando avia avia outras em qualquer parte, podava-as e ia, e relia, e tornava a ler... e meu nome!

Eu queria abrir os dez mil exemplares das diversas páginas. Abri-los uns凭 um! Era paciência para averiguar se o meu nome estava impresso em todos! Se o prelo não labrara algum ven!

— Repito: não era a glória de ter sido aprovado no exame que tanto me importava; era a sensação, estremava-me para mim, de ver impresso o "impresso" o meu nome!

Se me houvessem repreendido, a publicação de meu nome certamente causaria-me prazer identico!

— Mas, ah! o meu nome, que em minha terra me foi motivo de tanto respeito íntimo, não me pertencia inteiramente aquí!

Lá o mesmo Arthur Azevedo era eu, e aqui, que me constam, somos duas pessoas.

— Arthur de Azevedo, médico.

— Arthur de Azevedo, negociente.

— Arthur de Azevedo, oficinista de Marinha.

— Arthur de Azevedo, estudante.

— Arthur de Azevedo, idem.

— Arthur Azevedo, empregado público e "literato prático".

— Observei que sou simplesmente Arthur Azevedo; — mas os meus próprios amigos, quando falam de mim, ou escrevem o meu nome, obstante-se em empregar a particular "de", antes do apelido.

— O sermão seis, com igual nome, tem dado lugar a mais de um "pro quo".

— Protesto sempre, e asseguro que nem ao menos sou bucharol, quando me chamo doutor, por licença, ignorância ou, não sei se se diga, ironia.

No entanto, indivíduos há que, recalcitrando, poseram-me na costume de receber e abrir cartas, em cujo subtítulo o meu nome vem precedido de um título que não adquiri.

Um dia recebi na repartição uma cartinha pelo correio urbano:

— Olmo pr. dr. Arthur de Azevedo.

— E com letra diversa: "Secretaria da Agricultura".

— Ahora, era letra de mulher.

— Olhei — Solicitava a minha presença à rua... n... com a brevidade possível. Era para uma obra de caridade...

Como nesse tempo já faziam parte do repertório da Phoenix Dramática duas peças minhas, joguei que alguma beneficiada me quisesse pedir dispensa dos direitos do autor, e, apesar de parecer-me exquisito ser chamado em vez de procurado, lá fui.

Era uma casinha de porta e janela, suja e de miserável aparência.

Bati; no mesmo instante uma velhinha fez-me entrar e, debulhada em pranto, lançou-se-me nos braços, exclamando:

— Entre! Entre! O senhor é o nosso bom anjo! Permita Deus que chegue a tempo! Eu bera dita a Joaquima que havia de vir!

E gritando para o interior da casa:

— Olha, Joaquima: ele veio! Faz o favor de entrar para este quarto. Não repare na casa... O pequeno está cá.

Entrei, muito intrigado.

Deitada em uma cama estava uma criancinha de três anos, morena, suja e de miserável aparência.

— Olha, Joaquima: ele veio! Faz o favor de entrar para este quarto. Não repare na casa... O pequeno está cá.

Entrei, muito intrigado.

Deitada em uma cama estava uma criancinha de três anos, morena, suja e de miserável aparência.

Aqui, alem — um abismo, aqui, alem — a morte,

O quieto tropeça... ó mudo cavaleiro

Por que, qual como vos, vosso destino, a sorte

Die e noite anda a errar por entre o nevoeiro!

ALBERTO DE OLIVEIRA

(Diário do R. Janeiro de 2-10-1878).

a senhora que respondia ao nome de Joaquim.

— Senhor doutor, disse-me essa senhora, também a chorar, minha comadre F..., da rua tal, disser-me que o senhor cura-lhe de graça o fininho, que sofría do mesmo mal que o meu e aconteceu-me que o mandasse chamar.

Consultei minha mãe, e apontou para a velhinha, que aprovou. Escrevi aquela carta. Desculpe-me mardar incomodá-la seu poder... mas... Deus lhe pagará, senhor doutor!

— A minha posição parecia-me muito com a do Espanarello, de Molire.

— Pobres mulheires! Que amiga deslumbrado!

— E a criança agonizava...

— Felizmente, para elas, e para a minha consciência, procedi nesse momento como o faria qualquer homem de coração, e, se o pequeno não logrou salvar-se, não foi porque lhe faltassem cuidados da medicina.

— Há meses encontrei um amigo na rua da Ouvidor:

— Como vais, ô Arthur?

— Bem, e tu? Bom, não? E o que que se quer?

— Então? Já sei que te salste bem.

— Que me sai bem? De que?

— Do Dr. Gramma?

— Quem é o Dr. Gramma?

— No Padreguinho!

— Homem, explica-te, se querias que te entendesse!

— Tu não representaste?

— Não representei? Que diabo!

— Representei-a que a quem?

— Não entraste no Dr. Gramma?

— Não entrei, foi no que estás para ali a dizer!

— Averiguado a coisa:

— Dos meus homônimos, que era membro da sociedade dramática Santa Isabel, do Pedregulho, e fazia parte do respetivo corpo cénico, desempenhava o papel do Dr. Gramma, na comédia do mesmo título.

Uma folha diária da noticia da representação e o meu nome, e o nosso nome já vinha. O sr. Arthur de Azevedo salu-se perfeitamente bem no papel de protagonista.

— No dia seguinte, outro amigo:

— Adeus, seu Arôns.

— Seu Arôns! Seu Arôns!

— Pois você não fez o Dr. Gramma?

— O espetáculo e a notícia da estreia coincidiram com uma pesada constipação quespanhei e me obrigar a faltar três dias seguidos.

Um dos meus companheiros da seção, quando reparou, piscou-me um olho e disse-me em voz muito arrastada e muito maliciosa:

— Então você estava doente, seu maganho?

— Estive, sim, por que?

— Quem o curou foi o Dr. Gramma, não? Ande lá, ande lá!

— Incúmbo um camarada meu, residente em Pernambuco, de certo negócio. "Se fores bem sucedido — tinha-lhe eu escrito — expede-me logo um telegrama."

Oito ou dez dias depois, recebi, de fato, um telegrama; abri-o com surpresa que só avalei quem souber a importância do negócio de que se trata. E lá:

— Então você estava doente, seu maganho?

— Estive, sim, por que?

— Quem o curou foi o Dr. Gramma, não? Ande lá, ande lá!

— Incúmbo um camarada meu, residente em Pernambuco, de certo negócio.

— "Se fores bem sucedido — tinha-lhe eu escrito — expede-me logo um telegrama."

Este assalto, que me deu vinte trinta vezes por dia, dirigido ao Arthur de Oliveira já não é assim.

— O meu fim, escrevendo estas linhas, na qual me foi bondosamente franqueado um espaço

"Comprei farinha ordinária. Toda que houver no mercado. Primeiro vapor. Sacrum. Vejam como me trato".

O telegrama era dirigido ao sr. Arthur de Azevedo & Cia., da sua Diretoria.

— O ano passado recebi uma cartinha de M.

M. queixava-se de que Arthur de Azevedo não lhe escrevia; chamava-lhe ingrato, falso, perjuro, mau, leio; pedia-lhe a clássica trança de cabos e o clássico retrato; lembrava as noites que passaram juntos em São Cristóvão, e que na pobre gramática portuguesa, que não era solidária das culpas do meu perdidão "chará", vingava-se a narrativa saudosa; entre outras.

M. transpunha o h de um modo original: "chará", vingava-se a narrativa saudosa; entre outras.

— Peço-lhe muito tenho recebido também muitas cartas abertas por engano. Felizmente ja não namoro, nem tenho negredes.

Uma folha do interior de São Paulo, ocupando-se um dia em a minha humilde individualidade em uma correspondência desta costa, disse:

— "E de uma atividade realmente admirável: médico, exerce numerosa clínica: negociante, não se desculpa um momento de sua casa comercial: escritor, é fertil, quer em relação aos teatros, quer a imprensa".

Que bem informado estava este correspondente!

Relativamente os meus homônimos não se lembraram ainda de fazer jus a uma coça de pau, que viesse cair, por engano, nas minhas costas.

Fui de reconhecer que sentia confusão de nomes a mim

é que menos prejudica; não se me

é passar por aprovado discípulo de Esculapio ou acreditado

negociante dessa praça; os outros

Arturinhos que não lucram em

que os tomam por fazendeiros de

paródias, que os homens de bom

gosto reproduzem, e versos desen-

griscidos e mal feitos.

Que átila recomendação a de

ser negociante! Que péssimas do

comércio... das mussas!

Muitas vezes também confundi-me com o meu ilustrado ami-

Arthur de Oliveira; já fui cen-

trado por ter dito mal néi

do que ministro, sendo empregado

do governo.

Não facilite; guarda as suas

convicções; olhe que uma penada

o dimite!

— Gostei muito de tua folhetim!

Aquilo sim, que é crítico! Des-

te-lhe de rijo!

— Em quem?

— No Furtado. Sem feto! Ma-

ter-se no Kean!

— Eu, não, etc. (Explicase)...

Muitas vezes o Oliveira é as-

malizado:

— Tu não tens nada agora pa-

ra a Phenix? Nunca hás de fazer

como a Maria Angu?

Aquilo é que é uma peça Vi- das

vezes seguidas! Quantas tem-de-dado? Umas dez contos... ou mais?

Que tem feito desse dinheirinho?

Este assalto, que me deu vinte trinta vezes por dia, dirigido ao Arthur de Oliveira já não é assim.

— O meu fim, escrevendo estas

linhas, na qual me foi bondosamente

franqueado um espaço

para apanhar um beijo;

voz de cristal ferido, olhos tão vivos

que ora são diamante, ora veludo,

nariz d'estatura, pequenino despota

que é mesmo rei de tudo;

na fronte algum pensar sublime e santo,

nos lábios a bulir fino gracejo,

e um queixinho, armadilha da beleza

para apanhar um beijo;

seio de juriti, ninho mimoso

d'onde casta lernura se irradia,

alma feita dum riso de Cythere

e um pranto de Maria.

ela é assim! — não exagero, crede

e Deus p'r completar o meu tormento,

deu-me o pouco-juizo dum poeta

e fez-me ciumento!

PIMENTA DE LAET

que tão dignamente tem sido ocupado por outros — e que outros — não foi falar de mim, mas procurar conduzindo fácil para uma proposta, que sabemeto a deliberado de todos os Arturs de Azevedo: Numeremos-nos!

Disputem entre si os meus cinco homônimos os primeiros números; se algum mais aparecer será o sétimo...

Eu contento-me com ser

ARTHUR AZEVEDO N. 6

4 QUADROS SIMPLES

Chove... Que magoa lá fôr!

Que maboa! embruzcam-se os lares

Sobre este Rio que chora

Os seus eternos pesares...

E eu sinto o que a terra sente,

Sinto sentir que diviso,

Eu, dos teus olhos ausente,

Ausente do teu sorriso!

Que não será, quando errantes

Te procurarem meus sonhos,

Sem que sobre eles, brilhantes,

Peiram teus olhos risonhos!

As tuas loucas abrindo,

Meus versos, num longo anseio,

Morrerão, sem que, sorrindo,

Possa acolher os teus seto...

Ah! quem mandou que fizesses

minha alma da tua escrava!

E ouvisse as minhas preces,

Chorando como eu chorava!

Porque é um dia me ouviu,

Tão pálida e avelocada,

E — como quem ama — triste,

Como quem ama — calada?

Tu te calavas... Portanto,

Como é que não me querias,

Se, rosa! todo o meu pranto

Dentro em teu peito acolhias?

Tu tens um nome celeste...

Quem é do céu é sensível,

Porque é que não me desseste

Toda a verdade terrível?

Tu mesma te encarregaste

De esmagar, cruel e calma,

A flor que um dia plantaste

Com as próprias mãos em mi-

Inhalai

Porque, jugindo, impiedosa,

Ave! entulhas o meu ninho?

Era lá bela esta rosa...

Já me tardava este espinhoso!

Fiora melhor, porvenura,

Ficar no antigo degrado,

Que conhecer a ventura,

Para perder-la tão cedo!

Por que, sorriste, enrugando

O pranto das minhas faces?

Viste que eu vinha chorar...

Antes assim me deixavas!

Ave que, mal amanhece,

Deixa o seu primeiro abrigo,

Tu vais partir... Parte e es-</p

A página do dia: "A especialização na medicina", de Aloysio de Castro (Dos Discursos Médicos)

Aloysio de Castro. Nasceu no Rio de Janeiro, a 14 de junho de 1881. Doutorou-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. No mesmo estabelecimento foi professor de Clínica Médica e diretor (de 1914 a 1924). Aposentou-se como professor em 1940. Poeta e prosador.

Obras principais: *Alocuções Acadêmicas*, 1911; *Novas Alocuções Acadêmicas*, 1915; *Últimas Alocuções Acadêmicas*, 1918; *Palavras de um dia e de outro*, 3 vols., 1922, 1929 e 1933; *Rimário sonetos*, 1926; *Orações*, (discursos), 1926; *Carneis*, 1928; *Tendresse*, versos em francês, 1932; *Discursos Médicos*, 1941. Tem publicado, além disso, uma longa e valiosa obra científica.

A ESPECIALIZAÇÃO NA MEDICINA

A especialização deve ser um consenso, nunca o ponto de partida. E nunca será seguro especialista a que, prescindindo do vasto preparo geral, se contentar com a estreita visão clínica, que impropriamente localiza os fenômenos misteriosos segundo as regiões em que se declaram.

Mas é força reconhecer na especialização a tendência cada vez mais dominante em medicina. O mal está em que já não bastam as especialidades vulgarmente aceitas, mas cada uma delas se desdobra e trespassa em outras mais. Para tudo há especialistas. Reata-se desse arte a traição pré-hipocrática, porque (narram historiadores) já na civilização egípcia tão culta era a ciência de curar que a cada doença correspondia o seu médico especial.

Seria como fur, em nossos dias já se mete à bulta o caso. E como nós outros médicos não levamos em mal o mal que de nós se diz (que diz-se muito mal), tolerai-me, se couber uma leve graça em sério assunto, vos en lembrete desta austera tribuna a fina saíra de Tristan Bernard, acerca dos médicos especialistas.

Queria certo, gordo, enagrecer. Nada mais fácil. Há médicos para isso. Dietas, exercícios, em vez e meio estava o homem lesto e desempenado. Mas com o tratamento as pernas se adelgacaram demais. Cumprir arrigar o tono dos músculos. Outro especialista. Excelente resultado, com três meses de tratamento por banhos de lama. Sómente com isso de mergulhar os pés na terra úmida o paciente se ressecou e veio a sofrer a laringe. Há laringologistas. No caso usou-se o excelente tratamento elétrico.

Veio a cura, mas, circunstância desfavorável, o doente descendia de família nervosa e com a electricidade logo surgiram tiques, passius, esgares, ataques. Era necessário o neurologista.

Entra em ação o brometo de potássio, grande rengélis dos nervos. Em pouco (seis meses) cessaram os estoramentos. Sim, mas o brometo é muitas vezes mal tolerado pelo aparelho digestivo, e começaram as digestões lentas, empachos, embur-



com a equitação científica, com o tempo marcado para os passos de trote, de galope e assim por diante. Resultado: em três dias o peso baixou de trinta e seis quilogramas. Encavalgado num corcel rebelão, que desapoderado saiu curvante aos trancos e galões, lá se foi por terra o gordo cavalheiro, fraturando a coxa, tendo afinal de amputar o membro, que pesava trinta e seis quilos. "Oras ai está um homem", conclui a sátira, "que tendo sempre observado à risco o tratamento dos médicos, obteve da medicina tudo o que desejava: perder peso".

Não vos de riso a história. Há como esta muitas e verdadeiras. Bem vai aquele que desconfia de muitos médicos e muitas medicinações a meu só tempo. A boa medicina quer poucos remédios e poucas mudanças. E' de Hippocrates: o que empregado, traz melhorias, com a perseverança traz a cura. Estava como antes. Mas ainda que não se duvide dos especialistas? Ao cansalo da cura, o melhor é não adoeçer! Lembrar-lhe recorrer a cer, e evitam-se as doenças futuras um médico, o último, que gindo às suas causas.

Propôs solver o caso com a

equitação, mas bem entendido, aquela que de longe o via

(Conclusão da página 30)
lá a existência é uma aventura de tal modo inconsequente que Joana, a louca de Espanha, rainha e falso demente, vem a ser contrapartida da hora que nunca tive.

E como eu farei ginástica, andarei de bicicleta, montarei em burro brabo, subirei no pau de sebo, tomarei banho de mar! E quando eu estiver mais triste, mas triste de não ter jeito, quando de noite me der vontade de me matar,

— lá sou amigo do rel —

terrei a mulher que en quero na cama que escolherel.

Muchito Ledo escreveu todo um belo livro de viagem poética por esses "países inexistentes" da nossa geografia interior:

Queres partir comigo para países muito distantes, para países que dormem, embalados por oceanos que ninguém conhece?

Levar-te-ei às ilhas paradisíacas, que estão dormindo no ritmo das ondas mansas,

levar-te-ei a esses mundos estranhos, a esses mundos formosos que nunca ninguém viu.

E a poeta chilena Gabriela Mistral assim nos descreve (servimo-nos de espécie tradução de Ribeiro Couto) o seu "País da Ausência":

E' o país da ausência, estranho país, com levezas de anjos, contornos subtils, da cor da alga morta, da cor indecisa, com a era de sempre, sem era feliz, tampouco jasmãs. Nunca teve céus. Romãs não dão nunca, nem mares de anil, Não sei do seu nome, de ninguém o ouvi. No país sem nome é que vou dormir. Nem pontes, nem barcos trouxeram-me aqui. Nunquem me falara do estranho país, Nem eu o buscava, nem o descobri.

* * *

Nas realizações artísticas desse outro maravilhoso e um tempo payão e cristão, é curioso notar a insistência com que uns e outros autores situam de preferência numa ilha o seu "El-dorado".

Essa predileção é, aliás, explicável, porque motivada por uma das funções mais naturais do nosso espírito, que procede por analogias.

Assim como o mar desperta em nós uma nostalgia absurda de coisas desconhecidas, e, em consequência, uma ansia estranha de partir, de viver a aventura do imprevisto, de devassar

A matança

Não será fora de propósito, quando se estuda, mesmo a longos traços, a numerosa vida aquática do vasto labirinto fluvial amazônico, referirmo-nos ao principal e maior dos seus hidrosaurios — o Jacaré — voraz na destruição que leva ao reino letílico, devorando mesmo outros animais, impõe a onça, que parece exercer sobre ele grande força hipnótica, tolhendo-lhe os movimentos para o ir comendo pela cauda.

Há no extenso vale várias espécies, entre as quais o Jacaré-assu (Caiman-niger); o Jacaré-coroa (Caiman-pajé-brous); e o Jacaré-tunga (Caiman-sclerops), este o de menor proporção física, comparado aos demais.

O jacaré faz a desova em terra, onde constrói o ninho com gravetos, cobrindo-o com folhas, galhos secos e areia. Choca-o o calor do sol, conservando-se o animal à distância e mantendo-se em permanente vigília, numa altitude de expectativa e cuidado, como sentinelas alerta, enquanto se opera a incubação e, por fim, a eclosão da ninhada.

O Jacaré-tunga, de três a cinco palmos de comprimento, é apreciado na cozinha rosaria, especialmente a cauda, sendo comida com tucupi. A carne é rosea, tenra e de excelente sabor, pegando bem os temperos com que a condimentam.

horizontes, de conhecer terras ignotas, — quem diz ilha evoca logo a ideia de exílio, voluntário ou não, de separação, de isolamento, de solidão, de mundo à parte e basculando-se a si mesmo.

Essa ideia é integrada logo em nosso espírito, cria uma realidade, e não somente isso, mas uma realidade sensível, porque a ela se associa a persistida mnemônica do ritmo, ritmo dourado que cerca a pequena porção de terra, isolando-a de continentes, dourado a dizer as cristas dos rochedos, monotônamente, como um obstinado pensamento solitário...

Esse sentimento geográfico de solidão a que a noção de ilha corresponde em nosso espírito, está também ligado pela história das grandes solidões morais.

Não é em romanesca postura teatral, a prolongarem o seu perfil no horizonte, de pé sobre os rochedos de uma ilha perdida em mares bravios, que os grandes solitários da humanidade se nos apresentam à memória?

Não é em Palmos, em Santa Helena, em Guernesey, que figuramos de preferência um João Evangelista, um Napoleão, um Victor Hugo, vivendo o momento mais culminante de suas vidas? E não é o próprio artista, por definição, um solitário, uma ilha perdida nas grandes massas humanas, entre as quais nasceu, mas das quais se isolou?

Baudelaire, sempre deslumbrado com a visão mirífica da natureza exótica dos trópicos, situa a sua cunhada numa ilha:

Une île parfaite où la nature donne des arbres singuliers et des fruits savoureux.

A "Clérice" de Watteau é a mesma "Ilha dos Amores" de Camões, numa ilha encantada retrata fantasia de Samain:

La vie est une fleur que je respire à peine, car tout parfum terrestre est douloireux au fond; ignore l'heure vain et les hommes qui vont et dans l'ile d'Emaill ma fantaisie est reine.

Antero de Quental, quando se sonha feliz, é também numa ilha que situa o seu domínio fabuloso:

Bonho-me, às vezes, rei nalguma ilha, muito longe, nos mares do oriente, onde a noite é balsâmica e fulgente e a lua cheia sobre as águas brilhas.

E sempre o remoto oriente, com as suas misteriosas teologias, ou os trópicos com a sua natureza estranha e mítica. Sa-main intitula "Extremo-Oriente" ao seu soneto, e Antero chama ao seu, "Sonho Oriental".

Martins Fontes lembra as Antilhas, ao imaginar o seu "Siderador"!

Ilhas de âmbar, ilhas sem par, Claras maravilhas do mar.

Ilhas de ouro, filhas do amor! Fúlgidas antílias em flor!

Poetas, companheiros, remam! Bravos marinheiros, cantai!

Ide ao infinito buscar o país do mito solar!

Gloria às lindas ilhas sem par!

do jacaré na Ilha de Marijó - Amando Mendes Galeria de nomes ilustres

Podemos dar testemunho pessoal disso; e, no Marajó, ouvimos dizer que é alimento insensível e, por isso, até aconselhado às parturientes, como a galinha.

Wallace, em seu excelente livro "Travels on the Amazon and Rio Negro", relatando um jantar que lhe foi servido numa das fazendas de grande ilha, diz textualmente: "... in the alligator's tail, which I now tasted for the first time, was by no means to be despised".

Wallace assim descreve uma dessas caçadas: que outro nome não tem: "Após o almoço, o que estava de alcatela começou a caçada dos jacarés, calhando negrinhos um certo número de homens, armados de longas varas, empilhando os animais para o lado, onde os esperavam os outros armados de laços e arqueadas".

Ocupando uma área de aproximadamente 42.000 km quadrados, apresenta a grande ilha de Marijó o trabalho multi-sécular das imponentes correntes andinas, avolumadas pelas chuvas diluviais, despenhadas em catapatas sobre o manto verde-negro da floresta amazônica, em busca do oceano, desagregando de um lado largo trecho do continente, e formando a enorme baía de Marajó; atirando e agrupando do outro, até a formação da parte fluvial, e deixando ao centro os pantanais ou "mangongos", o lago Arari e todos os paranaís que, com o correr dos tempos, tomariam pomposamente o nome de rios.

Com o auxílio de outro lago, se necessário, para se subjugar pelas duas extremidades, eram assim os jacarés postos em termo, aproximando-se cautelosamente um dentro os homens, atirado de machado, e decapitando-lhes a cauda integral e logo após, outro golpe, altas e o centro, em nível inferior, a cabeça do animal. O certo é que nas inver-

nos ficam talvez três quartas partes das suas dilatadas campinas submersas em verdadeiro dilúvio, oferecendo apenas os "tesos", aqui e acolá.

No verão vão-se-lhe secando as terras, gradualmente, para o interior, na formação dos "lagos" — fenômeno esse que provoca uma verdadeira migração dos gados e de todos aquele mundo aquático.

E' precisamente nessa quadra que se pratica a "matança do jacaré".

A vários desses espetáculos empolgantes e cheios de imprevistos, assistimos na Fazenda São Sebastião, distrito de Soure, no mês de dezembro, na ardência do verão, antes da queda das águas".

Cinco horas da manhã, ainda em pleno dilúvio, fazendona de marcha, cavaleiros em número de quinze, entre os quais valentes vaqueiros marajoás, armados de laços e arpões, em correrias desabaladas pelos campos a fora, desperdiçando o silêncio da madrugada pela algazarra dos vaqueiros e pelo tropei ritmado dos cavalos, aqui e ali intercalados do grito alegre e denunciador dos tê-teus. (1)

Alcançadas as depressões do terreno, que formam verdadeiros lagos rasos, iniciava-se a faina da matança pela investida dos vaqueiros, em bravos provocativos e onomatopéias de "ou-ou", a imitarem o ronco dos jacarés que, assim atraídos, quando alboravam à tona, eram uns em franca justa de presteza e pericia, lacados pela cabeça e arrastados pelo campo, arrebatados à cegueira do "cavaleiro auacau"; outros, revidos dentro do lago, ainda submersos e inofensivos, o que não acontecia quando, partida a corda ou desprendido o arpão, se expunha o caçador à ferocidade do animal. Eram de trés a três e meio metros de comprimento, e alguns mesmo de mais de quatro ou cinco, irritados, cabeças enormes cheias de limo, e à mostra a grande e afiada dentuça.

Assim matavam-se vinte a trinta, numa dessas arriscadas caçadas, apesar o que eram os hidroáspores abertos, para si-lhes extrair a banha, cujo comércio é feito em pequena escala no Estado do Pará.

No couro do jacaré está um elemento de valor econômico, muito considerado nas indústrias para o fabrico de custosas valises e bolsas de senhoras, cintos, calçados e outros trabalhos de adorno, artísticos e interessantes. Afinal, uma fonte de matéria prima que não é para se desprezar.

A caça ou matança sistemática do jacaré traria lucros certos aos negócios da empresa que se organizasse para a exploração da pesca em geral na Amazônia, além do benefício que representaria de ilivar as águas da região desse perigoso elemento devorador de peixes e perseguidor do gado, nas fazendas marginais dos lagos e rios.

(1) Pequeno bernalha, inimigo do caçador, só se aproxima da caça. Tanto assim que dos palradores de dia temeram que o bernalha em crímea.

(Continuação da pág. 57)
E nessas de animais monstruosos
(sai extintos).

Eis si um poeta intensamente penetrado da luta e da dor da natureza paisagem. Foi isso o que soube Alberto de Oliveira, quando escreveu que em Salvador de Meneses havia, "metido sob o prado, um grande poeta". E referindo-se às "Lendas da Serra e da Baixada", que Salvador planejou então publicar em livro, dizia o autor de "Natália": "O poeta n'aparece integral. Esse seu livro, julgando pelo que dele conheço, será, em essência, o mais brasileiro da nossa poesia. Você deve dizer-lhe a última demão e publicá-lo."

we are such stuff
as dreams are made on; and our little life
is rounded with a sleep.

Nos sonhos feitos desse mesmo estofado
de que os sonhos são feitos. E esta vida
é uma ilha em mares de sono perdida...

O que importa é que o imaginário sempre rico, belo e feito,
que nos embriagamos todo a vida com essa visão misteriosa.
Mesmo porque, a realizar um dia, esse sonho se realizará só
mentre para os que o tivessem imaginado.

"É digno de ver uma cosa aquela que pode imaginarla
antes.



ANTONIO FERRO, o brillante escritor português, ora em plena sua carreira



JOAQUIM NABUCO, o grande orador, escritor e diplomata brasileiro, cuja data aniversária passou



XISTO BAIA, o famoso ator brasileiro cujo centenário de nascimento transcorreu no dia 5 —



TEIXEIRA DE MELO, crítico, historiador e poeta, cuja data do falecimento ultimamente transcorreu

BIBLIOGRAFIA DE JOÃO RIBEIRO

João Ribeiro no "Correio da Manhã"

Durante o ano de 1903, colaborou João Ribeiro no "Correio da Manhã". A minoria dos seus artigos ali publicados vieram a formar as "Páginas de Estética", havendo também alguma coisa que foi incluída no "Fabrício". Eis os seus artigos publicados naquela folha:

- 14-4-1903 — *Introdução...*
- 12-4-1903 — *Bibliografia da Natura...*
- 10-4-1903 — *O Minarete de Viriato Correia...*
- 15-4-1903 — *Pedro o Nervoso...*
- 18-4-1903 — *Estilo e forma literária...*
- 18-4-1903 — *Bibliografia Castro Rebelo — Loiros e Mirlos. Dr. Edmundo Bierack — Medicina moderna. Gênio e limites do saber médico...*
- 19-4-1903 — *Bibliografia Reis Carvalho — Prelúdios, poesias...*
- 22-4-1903 — *Bibliografia Almirante Artur de Jaceguai — Ensaio histórico sobre a armada brasileira — Outros livros...*
- 25-4-1903 — *Estilo e forma literária...*
- 25-4-1903 — *Bibliografia. Vários livros...*
- 1-5-1903 — *Bibliografia. Acerca da língua portuguesa...*
- 3-5-1903 — *Teorias de arte...*
- 8-5-1903 — *Bibliografia. Iracema, de Alencar. Vilhena. Palmares — As Noites da Virgem...*
- Dr. Garnier — O cébito e os celibátarios...
- Xavier Marques — Maria Rosa. O apoderado...
- Album de pintura. Outros livros...
- 9-5-1903 — *De Beleza na Arte...*
- 13-5-1903 — *Bibliografia — Livros didáticos...*
- 16-5-1903 — *A crítica contemporânea...*
- 23-5-1903 — *Mistério na Arte...*
- 30-5-1903 — *A praça...*
- 6-6-1903 — *O humor...*
- 10-6-1903 — *Poesia...*
- 13-6-1903 — *Filosofia (transcrito da Semana, de 1894).*
- 15-6-1903 — *Simbólica...*
- 21-6-1903 — *Grammaticas...*
- 27-6-1903 — *Simbolismo na literatura contemporânea...*
- 4-7-1903 — *De Lessing a Flácher...*
- 8-7-1903 — *Um aquarelista...*
- 10-7-1903 — *Um aquarelista, II...*
- 26-7-1903 — *Um aquarelista, III...*
- 27-7-1903 — *Victor Meireles...*
- 1-8-1903 — *O clássico...*
- 2-8-1903 — *O velho e o novo...*
- 8-8-1903 — *Poesia...*
- 15-8-1903 — *Misticismo (Filosofia e Ciências)...*
- 16-8-1903 — *H. G. Wells...*
- 19-8-1903 — *Oliveira Lima...*
- 22-8-1903 — *Poetas e críticos...*
- 29-8-1903 — *Como versar os clássicos, I...*
- 5-9-1903 — *Como versar os clássicos, II...*

(Continuação da página 61)

E, como uma ave, a esperança
Pairou sobre o mito fronte!

Todo meu peito, deserto,
Se encheu de cantos em festa:
Foi como se de um deserto
Rebentasse uma floresta!

Como é que quebrar os laços
Com que eu prendi o Universo,
Entre os nossos quatro braços,
Na faula azul do meu verso?

Como hei de eu, de hoje em
Idiante.

Viver, depois que partires?
Como queres tu que eu cante,
No dia em que não me ouvires?

Que olhar terei neste mundo,
Que, como o teu, me acompanha?

Inhe,
E em cujo clarão profundo
Toda a minha alma se banha?

Chegaste... Partes agora...
E toda a vida me leva...
Quem viu tão cedo uma dorura
Cobrir-se de tantas travas?

Tem pena de mim! Tem pena
De alma tão traca... Como há de
Minhaque é tão pequena
Poder com tanta saudade?

Parabéa, 20. Nov. 88.

OLAVO BILAC.

(Cidade do Rio de 22-11-1888)

A PERSONALIDADE DE -XAVIER- INGLEZ DE SOUZA MARQUES

(Continuação da página 49)
se limitou a presidir a eleição direta, pela primeira vez que se aplicava a lei Saravia".

Apesar de curta sua administração, de 1881 a 1882, teve tempo de remodelar a instrução pública, de viajar o interiador da província e cuidar dos meios de transporte, "chegando a levantar em um estabelecimento de crédito desta capital a quantia necessária para os estudos preliminares de uma linha férrea que ligasse Simão Dias a Sergipe". No trato com as facções políticas "soube opor uma resistência legal e pacífica aos vexames, aos desmandos, à quase desorganização que se notava na província e conservou sempre a mesma resistência na luta e a mesma moderação na vitória". Uma das suas primeiras providências, ao chegar a Sergipe, foi transferir para a Bahia a guarnição militar, que se havia revoltado. O governo imperial, reconhecendo-lhe os

bons serviços, agraciou-o com o oficialato da Rosa. Governou também a província do Espírito Santo, deixando em uma reforma do ensino elementar dourado vestigio de sua presidência. Inaugurado o novo regime, aceitou-o, sendo mesmo convidado pelo marechal Deodoro para governador do Amazonas, e indicado para igual cargo em Pernambuco, por Silva Jardim e Aníbal Falcão. Esteve alguns anos arreio dos negócios públicos. Dessa abstenção tiraram-no por fim os concorrentes, conferindo-lhe o mandato de deputado à Câmara Federal. Era já enfermo e combalido, mas não sabia resignar-se à inação e excusar-se do dever. A causa pública deu até os últimos alentos. Os seus amigos apoiaram-no, e os seus ombros atleticos suportaram ainda outras responsabilidades: a direção e propriedade do "Diário de Santos", a "Revista Nacional de Ciências e Letras", de que foi fundador com Anto-

nio Carlos, em São Paulo, a secretaria do Tribunal de Relações da mesma província, a diretoria da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, a fundação do Banco de Melhoramentos e da Companhia Agrícola, Industrial e Colonizadora de São Paulo, a tesouraria da Academia Brasileira de Letras.

A 6 de setembro de 1918 repousava em paz o varão ingênuo, de alma forte e serena a quem os imperialistas de então, não obstante a nobre simplicidade de suas maneiras, a modestia e o silêncio de que se cercou, teriam chamado com justiça um apostolo de energia.

EFÉMERIDES DA ACADEMIA

30 DE AGOSTO

1817 — Nasce João Manuel Pereira da Silva, fundador da cadeira n.º 34, de que é patrono Serra Cálida. Foi o primeiro decaano que a Academia teve. Foi substituído pelo Barão do Rio Branco, que, por sua vez, foi substituído pelo Luís Muller. Nessa cadeira ocupou-se hoje D. Azurino Coutinho, encabeçado de Culabi.

1901 — Nasce Eduardo Prado, um dos fundadores da Academia, tendo ali criado a cadeira n.º 40, que tem como patrono o visconde do Rio Branco. Eduardo Prado nasceu em São Paulo a 17 de fevereiro de 1869. Na Academia foi substituído por Alencar Arinos, que, por sua vez, foi substituído por ... O atual ocupante dessa cadeira é o sr. Alceu Amoroso Lima (Tríduo de Alain).

1922 — Falece D. Silviano Gomes Pimenta, arcebispo de Mariana. Nasceu em Congonhas do Campo, Minas Gerais, em 12 de janeiro de 1840. Na Academia substituiu o Arcôncio Guanabara, e foi substituído pelo sr. Gustavo Barroso.

2 DE SETEMBRO

1744 — Na cidade do Porto, batiza-se Tomaz Antônio Gonzaga. Ignora-se a data exata do seu batizado. É, pois, a data de vez batizado a primeira que se conhece de sua vida. Gonzaga é batizado na cadeira n.º 37, criada por Silve Ramor, que, por sua vez, é substituída por Alencar Machado. Hoje é seu assento o sr. Getúlio Vargas.

1810 — Nasce em Jaquaré, no Rio Grande do Sul, Joaquim Constantino da Silva. Foi essa a data da criação da cadeira n.º 36, criada por Teixeira de Melo e Sacramento Black. As "Efemérides do Rio Branco" indicam a data de 2 de outubro. Joaquim Constantino foi um dos mais notáveis brancos do seu tempo. Sua grande obra, "L'Opacock et l'Amazonie", é um dos livros básicos para os estudos geográficos e territoriais do nosso país. É de patrono da cadeira n.º 19, que foi criada por Alencar Guanabara. Nela sentou-se depois D. Silviano Gomes Pimenta, e hoje senta-se o sr. Gustavo Barroso.

3 DE SETEMBRO

1916 — O Conselheiro Lafayette é considerado empossado, mediante ofício, na cadeira para o seu fórum criado em substituição a Machado de Assis.

5 DE SETEMBRO

1914 — Proposta de Souza Dantas, determinando que, de ora por diante, não serão mais criados, nas eleições da Academia, os votos mandados por telegrama, devendo os acadêmicos exercerem o voto em cédulas, que virão em envelope fechado, endividadas ao presidente.

6 DE SETEMBRO

1910 — Em sessão solene, realizada no Palácio Monroe, falece o sr. Pedro Lessa, que vai substituir Lucio de Mendonça. Presidiu a sessão Medeiros e Albuquerque. Saude Pedro Lessa o sr. Cláudio Braga.

1918 — Falece Inglês de Souza (Hernâni Marcos I, de São Paulo), um dos fundadores da Academia, onde criou a cadeira n.º 38, de que é patrono Mário de Almada, que foi substituído pelo sr. Xavier Marques.



CINCOENTENÁRIO LITERÁRIO DE ANDRÉ GIDE - ROBERTO ALVIM CORREIA

(1891-1941)

— II —

A grandezza di Gide consiste, além do que salientavam a semana passada, incontestavelmente nesse tom seu, ao qual já nos referimos e que trai o homem. E' como se se percebessem nele os vestígios de um destino que podia ter levado Gide à perfeição moral como imprimiu ao seu estilo um aceno inesquecível, estabelecendo assim o liame entre ele e o leitor. Revêmos quem é, ou, pelo menos, que foi. E foi e permanece o autor de páginas que há de esclarecer o coração a muitos para sempre. Apenas podem-se aqui destacar quais ou três frases.

Mas bastam para convencer:

"Qui ne se donne à Dieu que tout entier".

"C'est la reconnaissance de mon cœur qui me fait inventer Dieu tous les jours".

"Seigneur, ce n'est pas parce que l'on m'a dit que vous êtes le Fils de Dieu que j'écoute votre parole; mais votre parole est belle au-dessus de toute parole humaine, et c'est à cela que je reconnais que vous êtes le Fils de Dieu".

Quem se expressou assim tinha o senso de Deus como poucos. Será que o perdeu de todo? Não creio. Deus não se deixa facilmente esquecer de um homem como Gide. O que se diz, é, provavelmente, o seguinte. Levado pela necessidade de ser absolvido, Gide, em vez de pedir a absolvição a quem só pode a autorizar, por intermédio de seus ministros, acabou tendo que se absolver a si mesmo. E essa mortal temeridade fez com que o apóstolo da libertação dos desejos conseguisse recular nele o cristão. Nefasta contradição. Mas que ninguém pode declarar definitivamente. Precisemos. Gide nunca foi um escritor que, mesmo no período de inquietação religiosa, e tão tipicamente protestante, um católico sonhasse mesmo de longe reivindicar para sua confissão.

Ali no mais "orthodoxo" de seus livros a *PORTE ETROITE* evidencia tudo que nos afasta do protestantismo, pelo menos na sua conceção atual. Subsistem, não obstante, entre católicos e protestantes, bastantes pontos de contacto, particularmente sensíveis no momento de projeção capital que atravessamos, para que se possam gramar uns e outros sob a designação redentora de Cristandade. Bem esclarecido esse ponto no protestantismo inicial de Gide, averba-se o fato que soube incentivar dispostões de que beneficiaram os sentimentos religiosos de alguns. Possam compensar o mal que fez, se existirem compensações no mundo moral. E existem. E permanecerão até o fim esse intenso lirismo com o qual exaltou o amor à vida, mais necessário do que nunca em uma hora em que tantos perderam o gosto de viver. Há algo cebole que em um apelo como este que se segue e no qual se tem a impressão de ouvir a última vontade de um homem que já viveu muito e para quem amar a vida correspondeu a um ato religioso:

"Tol qui viendras lorsque je n'entendrais plus les bruits de la terre et que mes livres ne boiront plus sa rosée-tol, qui, plus tard, peut-être me liras, c'est pour tel que j'écris ces pages, car tu ne t'oublieras peut-être pas assez de vivre. Tu n'admireras pas comme il faut au moins un miracle étourdissant qu'est la vie".

E por que tocar assim essa página e tantas outras? Porque expressam o canto interior da alma que Gide quase tornou palpalível. Livros como *LES NOURRITURES TERRESTRES*, *LA PORTE ETROITE*, *CINQ TRAITÉS LA SYMPHONIE PASTORALE*, grande parte de *SI LE GRAIN NE MEURT* e desse documento único que é o *JOURNAL* estão dela impregnados. Não se nega que a quis tributaria muitas vezes das exigências mais diversas, quando não inadmissivelmente errôneas, do corpo. A sensação, em Gide, tem um valor básico e expressivo que se pode prestar às mais lamentáveis confusões. Dominia toda sua obra a emoção. A emoção que é a manifestação mais visível da alma a qual transparece ainda no amor de Gide pela natureza.

Até nas suas mínimas revelações. Insetos, florinhas e restes indefinidamente. Essa atenção amorosa salva, por sua profundidade e que infelizmente contamina o espírito, quando perde o contacto direto com a natureza. O que há de mais sadio em Gide, de mais tonificante, é esse amor. Podia-se fazer um grande livro só com as páginas descriptivas eu inspiradas pela luz, o céu, a água, as florestas, o vento. Formariam um hino na qual vibraria de um modo patente para todos a alma. Uma frase só, como esta, basta, pensa-se, para dar a medida de que seria:

"Ebolument pur, pulase ton souvenir à l'heure de la mort, vaincre l'ombre! Mon Amie que de fois, par l'ardeur du milieu où jour, s'est rafraîchie dans ta rosée!"

Aqui ao esplendor da forma junta-se o que precisamente se pode chamar de emoção gideana. E' ainda a mesma que nos deixa participar de seu amor para com o próximo. Escreveu livros cheios de fraternidade humana, a respeito dos quais se criou o malentendido comunista que ele próprio favoreceu, mas que não honra ninguém. Gide, na realidade, jamais foi bolchevista. Lembrô-me das tentativas, na ocasião, dos agentes de Stalin, para convertê-lo de verdade. Para nós que o conhecemos,

Eis o que, nas grandes linhas, tentavamos patentear a respeito dos cinquenta anos de atividade literária de um dos maiores escritores de "todos os tempos", como dizem os sabores, linguagem evolutiva. Um dos maiores, sim, contudo, porque, em um estilo incomparável, ele nos obriga a tornar conhecimento de nossa consciência. E fez que processássemos muitas vezes contra ele próprio, não que não temos como ele o privilégio de defender sinceramente do ponto de vista de moral tudo que nos seduz. Mas, assim mesmo, iniciando cada um a uma revisão constante dos valores morais e intelectuais, Gide deu todo a profunda e literatura de nosso tempo. Não lha deram, em cem anos de vida literária, na França, nem o Balzac, nem o Flaubert, nem os Anatole France, nem o Zola, nem o Bourget, nem o Proust. Temos de procurar mais longe sua filiação. Esta não conta muitos representantes franceses e se Montaigne fornece o primeiro exemplar do diário psicológico e introspectivo, deve-se esperar até Rousseau para a estabelecer sobre pontos fundamentais. Se, assim mesmo, depois do genial autor do *HERVERIES D'UN PROMENEUR SOLITAIRE*, ainda se pretende seguir a genealogia gideana, tem-se de stravasar a fronteira e lá se veem só Dostoevski e Nietzsche, ambos escritores, por mais opositos que sejam entre si, que nos levam para águas diferentes, mas tanto uma quanto a outra pouco seguras.

Entretanto, sem a coragem necessária para defrontar o perigo, não há homem. E quem esse é a ser um dia já era perceptível (pelo menos é o que nos parece a nós, cinquenta anos depois) — é sempre fácil diagnosticar depois, terminado o percurso evolutivo, no livrinho de 1881, os *CAHIERS D'ANDRÉ WALTER*, que, atualmente, nem vinte pessoas talvez conhecem na integra. Por isso citarei um trecho reproduzido por Du Bois e que data de 1886. A citação seria superflua, não apresentasse ela um Gide de dezassete anos e não tivesse quase o valor de um imóvel. E agora, para nós, é um documento em que se manifesta já todo um lado de personalidade de Gide que nos atinge: o desejo de não se satisfazer com pouco, a curiosidade insaciável, os apelos da alma e de Deus que até hoje (pelo menos assim se espera) não abafou de todo seu sensuallismo e aquela embriaguez sede das forças naturais.

"Je voudrais à vingt et un ans, à l'âge où la passion se déchaîne, la dompter par un labour forcément et grisant. Je voudrais, tandis que les autres courront les plaisirs, les fêtes et les débâches faciles, goûter les voluptés farouches de la vie monastique... Aucun bruit, que peut-être paraît les grands clamours des montagnes, les voix lugubres des glacières, ou les cantiques de minuit chantées sur une seule note par les chartreux qui veillent. Vivre profondément sans plus que le temps vous pousse. Manger quand j'aurais faim; dormir n'importe quand, alors que j'aurais fait ma tâche... Je lirais la Bible, les Védas, Dante, Spinoza, Babelais, les Siècles; l'apprendrais le grec, l'hébreu, l'italien; — et ma pensée se sentirait orgueilleusement vivre... Et quand la chair exaspérée regimbrait à cette gêne dans un suraum de désirs, alors, la discipline foulait le corps et qui se taira bien sous la douleur! — Ou bien, dans la montagne, une course insatiable, par delà les roches, jusqu'aux neiges, et que la chair halante en eût crié merci épuisée, vaincue... ou peut-être dans la neige profonde se plonger et trouver dans le contact glace com um frisson extraordinário".

Um lado de Gide, dizia-se, mas apenas um e que a trair, como se tratava todo ideal de adolescência. Não só ponto, todavia, que sempre diminuiu nele — e até por vezes muito pelo contrário — essa qualidade da alma e do espírito que só até hoje entre os melhores cristãos tinhamos encontrado e que ajuda a viver.